



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Her Royal Media Coverage!

Análise da representação mediática de Meghan Markle no *Mail Online (Daily Mail)* entre 2016 e 2020.

Filipa Alexandra Caetano Lobato

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:

Doutora Maria Cláudia Silva Afonso e Álvares, Professora Associada

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2022

Departamento de Sociologia

Her Royal Media Coverage!

Análise da representação mediática de Meghan Markle no *Mail Online (Daily Mail)* entre 2016 e 2020.

Filipa Alexandra Caetano Lobato

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:

Doutora Maria Cláudia Silva Afonso e Álvares, Professora Associada

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2022

Agradecimentos

Primeiramente, à minha Orientadora, a Professora Doutora Cláudia Álvares, que me aceitou e ao meu tema, ainda o tema era outro, sem hesitar e me acompanhou ao longo do processo.

Aos meus pais que, se perguntados, talvez não soubessem dizer o tema da minha Dissertação, ou até qual é o meu Mestrado, mas que sempre me apoiaram e sustentaram ao longo deste caminho – desde que nasci, na verdade, esta é só mais uma etapa. À minha irmã, que está longe, mas perto. Acrescento o resto da minha família, porque, além de ficar bonito, família é família, e os meus cães, porque não há melhor companhia para tardes em casa a trabalhar do que eles.

Depois, ao João Paulo pelo carinho e paciência que sempre demonstrou ao longo deste processo. À Loios pelas infindáveis horas de reclamação conjunta, tardes no ISCTE e apoio mútuo. À Mila por me obrigar a sair de casa para ser produtiva, recebendo-me na sala dela enquanto trabalhava, para que eu pudesse escrever este trabalho.

Aos meus amigos mais antigos, da música, e da escola, que sabem bem quem são; aos meus amigos da FLUL, que embora já não tão perto, estão sempre lá; e às minhas outras meninas do ISCTE: todos eles me ofereceram a sua amizade ao longo destes anos, e por isso estou agradecida. Não que tenham feito algo para eu entregar isto, na prática, mas amizade oferece estrutura e estrutura é imprescindível.

A todos estes e a outros que possam não estar aqui, mas que estão no meu coração, o meu muito obrigada. E como o que é bom é melhor se for partilhado, este trabalho não é só meu, também é vosso.

Por fim, a mim mesma, à Filipa do presente e à que, ansiosa, e, mesmo que às vezes, lentamente, trabalhou nesta dissertação durante todos estes meses, só tenho a dizer: conseguimos!

Resumo

A entrada de Meghan Markle, ex-atriz norte-americana, birracial, divorciada, e autoproclamada feminista, na Família Real britânica despoletou uma diversidade de opiniões, tanto positivas como negativas, alicerçada na ideia de que poderia alterar uma estrutura patriarcal predominantemente branca e trazer algum tipo de inclusividade para o meio. O Universo *Daily Mail* foi um dos media que mais controvérsia gerou relativamente ao tratamento mediático de Markle, o que poderá ter ajudado a moldar a opinião pública em relação ao, na altura, novo elemento da Casa Real Britânica.

Assim, recorrendo à revisão de literatura sobre este tema, e da análise de vários títulos e subtítulos de artigos do Universo *Daily Mail* entre 2016 e 2020, pretende-se entender como foi feito o tratamento mediático de Meghan Markle, principalmente comparando com outros membros femininos da Família Real, e de que modo a sua “autoproclamação” como feminista foi um fator de discussão. Para retirar significado da análise de conteúdo qualitativa efetuada, recorre-se à teoria da Linguística Sistémico-Funcional, com foco particular nos títulos das publicações, por forma a abarcar uma amostra alargada. O objetivo último foi o de tentar encontrar um padrão comum no tratamento jornalístico de Markle no referido corpus analítico. Esta análise leva-nos à conclusão de que ela se terá tornando problemática para os media devido quer ao seu feminismo, quer à sua herança afro-americana, aproximando-se da chamada interseccionalidade na sua defesa de uma identidade alternativa àquela representada tradicionalmente pela Família Real Britânica.

Palavras-chave: Meghan Markle, Família Real Britânica, Feminismo Neoliberal, *Daily Mail*, Tabloides

Abstract

The entrance of Meghan Markle, a former North-American actress who is biracial, divorced, and a self-proclaimed feminist, into the British Royal Family triggered a diversity of opinions, both positive and negative, based on the idea that she could change a predominantly white patriarchal structure and bring some kind of inclusivity to the milieu. The *Daily Mail* Universe was one of the tabloids that generated the most controversy regarding the media treatment of Markle, which may have helped shape public opinion towards the, at the time, new addition to the British Royal Household.

Thus, based on the literature review on this topic, and the analysis of various headlines and sub-headlines of articles in the *Daily Mail* Universe between 2016 and 2020, we intend to understand how the media treated Meghan Markle, especially when compared to other female members of the Royal Family, and how her 'self-proclamation' as a feminist was a factor in the discussion. To draw meaning from the qualitative content analysis carried out, the theory of Systemic-Functional Linguistics was used, with a particular focus on the titles of the publications in order to encompass a broad sample. The ultimate goal was to try to find a common pattern in the journalistic treatment of Markle in the analytical corpus. This analysis leads us to the conclusion that she became problematic for the media due to both her feminism and her African-American heritage, approaching so-called intersectionality in her defence of an alternative identity to the one traditionally represented by the British Royal Family.

Keywords: Meghan Markle, British Royal Family, Neoliberal Feminism, *Daily Mail*, Tabloids

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo	iii
Abstract	v
Introdução	1
1. Revisão da Literatura.....	3
1.1 “Feminismo Monárquico”: podem o Feminismo e a Monarquia coexistir?	3
1.1.1 Igualdade Racial e Igualdade de Género.....	3
1.2. Monarquia como uma instituição antifeminista	7
1.3. O Feminismo de Meghan Markle: a “feminista orgulhosa”	8
1.3.1 Os Feminismos Neoliberal, Popular e de Celebridade	9
2. Abordagem Metodológica	13
2.1. Questões de Investigação.....	13
2.2. Fonte.....	13
2.3. Metodologia	14
3. Análise de Títulos de Artigos do Universo <i>Daily Mail</i>	19
3.1. Caracterização de Markle: “the spunky american divorcee”	19
3.2. Relações familiares.....	21
3.3. Comparações	23
3.4. Gravidez	27
3.5. O “Feminismo Monárquico” de Meghan Markle.....	37
3.6. <i>Megxit</i>	41
Conclusões	45
Referências Bibliográficas	47

Introdução

Aquando da escolha de um tema para a dissertação, muitos foram os assuntos que suscitaram interesse. No entanto, a decisão recaiu sobre a forma como os media utilizam discursos diferentes consoante a pessoa a que se referem, deixando transparecer uma agenda própria, indissociável de juízos axiomáticos que legitimam uns e excluem outros do espaço público enquanto comunidade imaginada (Anderson, 1983, edição 2016). De todos os estudos de caso possíveis de endereçar neste âmbito, decidiu-se que a representação jornalística no Reino Unido de Meghan Markle, ex-atriz norte-americana, mulher do Príncipe Harry, neto da recentemente falecida Rainha Isabel II, demonstraria com particular contundência processos de exclusão discursiva, servindo como ponto comparativo interessante de outros processos de inclusão discursiva. O romance entre os dois terá começado em 2016, sendo oficializado em 2017, e em maio de 2018 casaram, numa cerimónia televisionada, com seiscentos convidados, incluindo nomes de Hollywood. Na altura, muitos comentadores consideraram que Markle, como mulher birracial, divorciada, autoproclamada feminista e humanista, iria revolucionar a Família Real, de costumes tradicionais e, acima de tudo, representante da nação enquanto comunidade branca.

No entanto, a relação do casal com a própria Família Real acabou por ser breve, uma vez que em 2020 anunciaram a sua saída oficial da Família, perdendo os seus títulos e o apoio financeiro. A exposição mediática de que Markle foi alvo durante o período em que integrou a família mais importante do Reino Unido foi uma das causas que, alegadamente, levou os Duques de Sussex a abandonarem os seus cargos. Como se poderá ver ao longo desta dissertação, o tratamento dado a Markle distanciou-se do tratamento dado a outros membros da família, principalmente a Kate Middleton, mulher de Príncipe William, irmão mais velho de Harry, que, tal como Markle, era considerada uma mulher “do povo”, por não provir de uma família com ligações à realeza. A escolha deste caso específico assenta não apenas no interesse pela temática dos enquadramentos discursivos da Monarquia Britânica, como também pela inclinação por temas relacionados com a influência do feminismo no discurso dos media. Efetivamente, num contexto em que o feminismo faz parte, cada vez mais, da cultura popular, sobressai como algo antagónico a oposição flagrante de duas mulheres por motivos que lhes são inatos, nomeadamente por questões raciais, étnicas e de nacionalidade, suscitando formas díspares do tratamento nos media.

O principal objetivo deste trabalho é analisar o discurso dos media, centrando-se no jornal tabloide *Daily Mail*, em torno de Meghan Markle. A escolha deste jornal, considerado conservador e, por conseguinte, apologista da tradição real, advém do facto de ser um dos tabloides mais lidos do Reino Unido, com uma forte presença online. Este jornal não só tem uma secção destinada a notícias somente sobre Meghan Markle, como também já foi alvo de um processo em tribunal pela ex-Duquesa por declarações feitas sobre Thomas Markle, seu pai, e a publicação de uma carta escrita por ela, a ele endereçada. Ponderou-se, ainda, a utilização de outro jornal para comparação, mas, tendo em conta a limitação de espaço, fez-se apenas a análise de um só, mais detalhada. Neste contexto, a escolha do *The Daily Mail* pareceu ser a mais adequada, por todo o historial que tem com a Família Real, nomeadamente

Markle. Através desta análise e da revisão da literatura, abordar-se-á o modo como o discurso dos media assimila, ou não, o feminismo e noções de feminilidade de forma circunstancial, alterando-se o seu teor consoante a protagonista. Efetivamente, Markle pode ser vista como uma figura até certo ponto representativa de um feminismo interseccional, termo que também irá ser explanado na revisão da literatura, e o seu tratamento pelos media demonstra a continuada discriminação das mulheres conforme a sua origem, etnia, religião. Isto pode ser comprovado não só através da diferença de tratamento entre Meghan Markle e Kate Middleton, mas, também, como referem Clancy e Yelin (2021), através da diferença no mediatismo entre Markle e o Príncipe Andrew, arguido no caso Epstein, um escândalo de abuso sexual de menores. De acordo com as autoras, o facto de Andrew ter tido muito menos “bad press” do que Markle desmascara os pilares profundamente patriarcais e nacionalistas do Reino Unido e, consequentemente, da Família Real, uma vez que Markle e Harry acabaram por abandonar os seus cargos na Família, enquanto Andrew, mantendo-se reservado, consegue escapar ao escrutínio constante por parte dos media. Além disso, procurar-se-á entender de que forma os media entenderam o ingresso da defesa de valores feministas, representados por Markle, na instituição da Monarquia. Efetivamente, o facto de Markle se autoproclamar como feminista foi um dos muitos rótulos que o *Daily Mail* lhe colocou ao longo dos diversos artigos, visível em títulos como: “SARAH VINE: I’ve no doubt that feminist Meghan will be a great force for change. But she must pay heed to tradition too” (22/05/2018) e “Meghan's manifesto: ‘Proud feminist’ Duchess of Sussex vows to take Royal Family in a new direction after she broke tradition to give wedding speech in which she revealed commitment to ‘social justice’” (20/05/ 2018). Disseminou-se ainda a ideia de que iria revolucionar a Monarquia por ser uma mulher birracial (Andrews (2021); Clancy & Yelin (2020, 2021); Pramaggiore & Kerrigan (2021)), adepta de um feminismo popular neoliberal, termo este explicado no capítulo da revisão da literatura e que se considera importante entender no contexto de uma instituição profundamente patriarcal. Sucintamente, as características situacionais do feminismo de Markle e das suas ações frequentemente refletem as características de um feminismo popular, de celebridade e neoliberal (Banet-Weiser, *et al.*, 2018) sobre o qual as opiniões divergem: há quem considere que este tipo de feminismo torna a luta mais acessível às audiências, principalmente mulheres jovens (Keller & Ringrose, 2015, como citado em Clancy & Yelin, 2021), enquanto outros consideram que é despolitizado, neoliberalizado e desfigurado na ênfase de ideias vagas de “empoderamento” (Banet Weiser, 2018a, 2018b; Hamad & Taylor, 2015, como citado em Clancy & Yelin, 2021).

Este trabalho estará, assim, dividido em três partes principais: o capítulo 1, no qual se fará uma Revisão da Literatura, que servirá de enquadramento teórico para a análise empreendida; o capítulo 2, onde se explicará a Abordagem Metodológica, vulgo os métodos a utilizar para a análise em si; e, por fim, o capítulo 3, que será o foco principal do trabalho, a Análise dos Títulos dos Artigos do Universo *Daily Mail*. Importante ressaltar que este trabalho teve início ainda antes da morte da Rainha Isabel II, a 8 de setembro de 2022, pelo que todas as referências têm em consideração o seu lugar no trono e não o do seu filho, agora Rei Carlos III.

CAPÍTULO 1

Revisão da Literatura

1.1 “Feminismo Monárquico”: podem o Feminismo e a Monarquia coexistir?

Quando o Príncipe Harry e Meghan Markle anunciaram o seu noivado, em 2017, muitos media britânicos tomaram o evento como um indicador de progresso por parte da Monarquia. Tal como Kate Middleton, a quem foi incumbido o resgate da Família Real dos anos impopulares pós-Diana, tornando moderna e aberta uma instituição rígida e antiquada (Repo & Yrjöla, 2015, como citado em Weidhase, 2021), Meghan Markle foi recebida como uma “cidadã-comum” que podia levar a Monarquia para mais perto do povo e da realidade multicultural do Reino Unido. Neste caso, ao contrário de Kate, esta narrativa alicerça-se em termos raciais, uma vez que Markle é birracial e afro-americana, o que torna o casamento entre os dois um “reflexo do aumento de relações e famílias multirraciais no Reino Unido” (Weidhase, 2021, p. 2). A sua entrada na família coincidiu com a altura em que não só a Monarquia Britânica precisava de alterar a sua imagem, como também o próprio Reino Unido, que, acabado de se decidir sobre a saída da União Europeia, enfrentava críticas e desagrado internacionais. Com a chegada de Markle também surgiu a ideia de um feminismo monárquico, sendo Markle uma autoproclamada feminista que iria revolucionar uma família assente no patriarcado e predominantemente branca. Deste modo, é necessário enquadrar esse conceito e entender até que ponto é essa ideia concebível.

Os valores monárquicos tradicionais sustentam-se numa contradição aos princípios feministas, “the ultimate establishment of British national patriarchy” (Shome 2001, p. 324, como citado em Clancy & Yelin, 2020), que vê a mulher como meio de reprodução para a existência de herdeiros, não obstante ter sido um sistema governado por uma mulher durante 70 anos. A evocação de Markle como a antítese feminista da Monarquia, aquando do casamento real, não iria dismantelar o patriarcado estrutural em que a Monarquia assenta, e o próprio estatuto de Markle, até à saída da família, dependia da instituição, uma vez que, sendo Duquesa, era obrigada a cumprir funções que assegurassem a nova vida das estruturas. O seu trabalho humanitário e centrado nas mulheres seria, então, cooptado como parte da relegitimação do poder monárquico, não deixando, no entanto, de ser um feminismo policiado (exemplo: Markle andou sozinha pela primeira parte do corredor até ao altar, o que foi celebrado como um gesto feminista (Barr, 2018, como citado em Clancy & Yelin, 2020), mas o Príncipe Carlos levou-a até ao altar, o que pode ser visto como uma forma de satisfazer os tradicionalistas).

1.1.1 Igualdade Racial e Igualdade de Género

Andrews (2021) explica que a entrada de Markle na Família Real trouxe debates e atenção mediática sobre o racismo no Reino Unido. O autor baseia-se numa peça do *Daily Mail* que não tentou, de acordo com ele, sequer esconder o seu racismo, através da utilização do título: ‘Harry’s girl is (almost) straight outta Compton: Gang-scarred home of her mother revealed - so will he be dropping by for tea?’ (Styles & Bathia, 2016, como citado em Andrews, 2021), que insinua todos os estereótipos da pobreza urbana

afro-americana para contrastar com a vida privilegiada da Realeza, à qual Markle parecia não pertencer. Desde o casamento, para Andrews (2021), Markle continuou a receber um tratamento negativo e racializado por parte da imprensa, que culminou, em 2019, numa declaração oficial por parte do casal a condenar as constantes representações erradas feitas a Meghan e, mais tarde, na saída dos Duques da instituição real.

Falar de feminismo é também falar de racismo, e da necessidade de um feminismo que seja interseccional, mesmo que nem todos os autores concordem que a interseccionalidade dê resposta aos problemas basilares do movimento (Andrews, 2021). Nos anos 70, a teoria feminista foi criticada por ignorar o racismo e tratar o gênero como uma categoria histórica e universal que incluía as experiências de todas as mulheres. Mulheres da Ásia, África e Caraíbas utilizaram dados históricos para demonstrar que a classe e a raça eram tão poderosas quanto o gênero na opressão e exploração das mulheres (Rollins 1985, Glenn 1986; Carby 1986; Parmar 1986, como citado em Agnew, 1996). De acordo com hooks (1981, edição 2015):

If women want a feminist revolution—ours is a world that is crying out for feminist revolution—then we must assume responsibility for drawing women together in political solidarity. That means we must assume responsibility for eliminating all the forces that divide women. Racism is one such force. Women, all women, are accountable for racism continuing to divide us. Our willingness to assume responsibility for the elimination of racism need not be engendered by feelings of guilt, moral responsibility, victimization, or rage. It can spring from a heartfelt desire for sisterhood and the personal, intellectual realization that racism among women undermines the potential radicalism of feminism. It can spring from our knowledge that racism is an obstacle in our path that must be removed. More obstacles are created if we simply engage in endless debate as to who put it there (hooks (1981), edição de 2015, p. 213).

Bhavanani, referenciada em Agnew (1996), ressaltou que era necessário entender as diferenças de relações de poder entre mulheres brancas e de outras raças/etnias e entre diferentes classes de mulheres brancas. Para que se testasse a autenticidade de uma mulher branca no seu compromisso ao antirracismo, era necessário perceber se a sua análise gerava “uma prática política adequada para mulheres contra as complexidades da sua opressão” (Bhavanani & Coulson, 1986, p. 85 como citado em Agnew, 1996, p. 3). Algumas feministas responderam à questão racial no feminismo, distribuindo a opressão da mulher por raça, classe e gênero, sendo que as mulheres das três áreas geográficas anteriormente referenciadas (Ásia, África e Caraíbas) sofriam dos três tipos de opressão. As feministas brancas, de classe média, podem, teoricamente, reconhecer as interconexões com essas componentes, mas a sua diferente localização em sociedade fá-las ser menos conscientes do seu privilégio racial, o que as leva a enfatizar o gênero. Identificar as diferentes fontes de opressão não apaga a hierarquia da raça no feminismo, fazendo com que apareça de forma mais subtil e indireta. Desconstruir discursos expõe as parcialidades em várias categorias, o que acaba por despolitizar a problemática da raça no feminismo (Nicholson, 1990; Alcoff, 1988; Bulkin, *et al.*, 1985, como citado em Agnew, 1996). Agnew (1996) questiona sobre a agência da mulher, e sobre como o discurso que reflete estruturas político-sociais de opressão relacionadas com gênero, raça, e classe, leva a que as mulheres se identifiquem de maneiras específicas. Esta ideia traz ao de cima outros tipos de opressão relacionados com a idade, a orientação sexual, a etnia,

a cultura, e outros. O reconhecimento da identidade racial e de gênero de um indivíduo não gera, por si só, uma consciência política. Para Agnew (1996), a maior preocupação aquando da redação do artigo, era a de que o feminismo branco continuasse a dominar as teorias e práticas feministas. As diferenças de poder entre mulheres, suportadas pelas estruturas institucionais, dificulta que as feministas se juntem para apoiar práticas e teorias comuns. Desafiar a opressão de outrem deixa as mulheres mais conscientes da sua própria opressão, mas dada a interconexão das opressões, é difícil que estas se removam completamente.

Noronha e Silveirinha (2020) citam Crenshaw (2002), que cunhou o conceito de interseccionalidade em 1989, mostrando, através de grafismo de intersecção, que as categorias de gênero, raça, e classe estão sobrepostas no que toca à discriminação entre pessoas, da qual sofrem, principalmente, mulheres negras vulneráveis economicamente. Para Crenshaw (2002), uma das dificuldades dentro dos próprios movimentos feministas e antirracistas é que raça e gênero são vistos como problemas exclusivos. A autora analisou fotografias de marchas em defesa dos direitos das mulheres ao aborto e pelos direitos civis, chegando à conclusão de que na primeira as líderes eram monorraciais (brancas), e na segunda havia líderes negros (homens), o que, para Crenshaw, torna as mulheres negras invisíveis. Assim, tendo em conta que as lutas se cruzam, dever-se-ia apostar num movimento interseccional que dê visibilidade a todos os que lhe pertencem.

A cobertura do casamento de Markle foi, na maioria, positiva, sendo-lhe dado um enquadramento de progressão num país, aparentemente, moderno (Clancy & Yelin, 2020, como citado em Andrews, 2021). Até a mais pequena mudança de representação num espaço que era exclusivamente branco era visto como progresso, pois abria uma diferente discussão sobre raça e identidade. A *Black Entertainment Television* (BET) associou este evento com a presidência de Obama, que acabou no mesmo ano, afirmando que podiam estar a deixar a Casa Branca, mas que estavam a entrar no Castelo Real (Andrews, 2016, como citado em Andrews, 2021). Simbolicamente, estes dois eventos estão bastante conectados, pois providenciam representações visuais de papéis que eram, anteriormente, limitados a pessoas brancas, embora ambos mostrem os limites que esta mudança simbólica representa.

Focando-se na teoria do pós-racialismo, Andrews (2021) baseou-se na Teoria Crítica Racial que entende que existe uma falha ao balancear as escalas, uma vez que há problemas que continuam sem ser resolvidos. Derrick Bell (1992, p. 3), referenciado por Andrews (2021, p. 2), ofereceu um aviso sobre as ilusões dos ganhos dos direitos civis: “what we designate as ‘racial progress’ is not a solution to that problem. It is a regeneration of the problem in a particularly perverse form”. No caso de Obama, ele era o líder da nação, e tinha algum poder, embora limitado, para falar das iniquidades raciais, enquanto Markle não tinha poder nenhum. Mesmo a Rainha tinha apenas poder simbólico, como a imagem de cabeça de Estado, de forma a manter a mística da Coroa Britânica. Como Duquesa de Sussex, Markle não tinha nem poder cerimonial, nem acesso a algum tipo de poder necessário para fazer mudança substancial (Andrews, 2021). A Família Real Britânica é uma ligação direta com a era colonial, com todos os adereços de elitismo, patriarcado e racismo. Pela prevalência de *whiteness*

(brancura/branquitude), ainda é fora do comum que um membro da família se case com alguém birracial ou de diferentes heranças raciais/culturais (Andrews, 2021). Markle é a exceção que prova a regra, e o discurso de ódio por parte dos media de que foi alvo é a representação da dificuldade em aceitar a sua presença. Para o autor, celebrar uma princesa não branca pode fazer as pessoas sentirem-se melhor, mas não muda as realidades do racismo estrutural, *Brexit*, *Windrush* ou o declínio no discurso público, sendo apenas uma ilusão.

Ao contrário da opinião de Crenshaw, para Andrews (2021), um dos problemas da interseccionalidade vem do facto de se considerar que a entrada de Markle na família iria oferecer uma análise sobre o feminismo negro. A este fator junta-se a questão de classe, pois uma atriz bem-sucedida e rica casar com um membro da Família Real pouco ou nada representa a mulher negra comum. Relatos dos media sobre a família de Markle colocam-na como uma *outsider*, uma estranha à família, não só pela sua raça, mas também por causa da sua nacionalidade, sendo que o facto de ser norte-americana foi alvo de discussão tanto quanto a sua etnia. A forma mais óbvia, de acordo com Andrews (2021), para a limitada representação por parte de Markle é o seu tom de pele, uma vez que o colorismo tem sido um grande problema desde sempre, no qual pessoas com pele mais clara são alvos de outras formas de opressão racial (Hunter, 2007, como citado em Andrews, 2021). Ser *lightskinned* oferece privilégios por poderem “passar” por pessoas brancas, e enquanto pessoas com pele mais clara são fetichizadas, pessoas com pele mais escura são demonizadas (Phoenix, 2014, como citado em Andrews, 2021): “Given the history of racial mixing and classification in Britain and her status in an elite institution, it is far more likely that Markle will symbolically “pass” as White, rather than her presence fundamentally shifting how difference is represented in the royal family” (Andrews, 2021, p. 5).

Andrews (2021) escreve que o pós-racismo é um mecanismo essencial para reproduzir a iniquidade racial, pois não foca os problemas do racismo estrutural, mas sim as alterações cosméticas na representação que são apresentadas como sinais de progresso. Assim, a sociedade continua sem compreender a natureza do problema, ou sem se mobilizar apropriadamente para lutar contra a injustiça racial, o que pode ser confirmado com as manifestações face à inclusão de Markle na Família Real, que explicam o quão pouco a sociedade entende o racismo, e o poder do desejo de viver uma fantasia de progresso ao invés de resolver os problemas em questão. O racismo continua enraizado no Reino Unido, na Monarquia e na imagem simbólica que é chave para manter nacionalismos baseados na nostalgia do império. Nenhuma adição à família, de acordo com Andrews (2021), pode mudar fundamentalmente a cumplicidade da família em manter a iniquidade racial. Ver Markle como um ponto positivo para as relações raciais é a definição de um falhanço interseccional, pois, analisando todas as perspetivas, entende-se o quão problemático é pegar num exemplo individual de uma mulher afro-americana como representativa do ponto de vista de todas as mulheres não brancas.

1.2. Monarquia como uma instituição antifeminista

Clancy e Yelin (2021) caracterizam a Monarquia como uma instituição com cultura, processo, infraestruturas e sistemas próprios para manter o poder, uma instituição inerentemente antifeminista. Dando o exemplo de como a instituição geriu o escândalo em volta do Príncipe Andrew, acusado de abuso sexual pelas suas conexões com o magnata Jeffrey Epstein, que comprova a existência da Monarquia como patriarcal e opressiva, as autoras apresentam a sua tese de que a Monarquia não é compatível com o trabalho feminista que tem como objetivo dismantelar sistemas opressivos. Deste modo, nenhum trabalho feito por Markle no sentido da luta feminista e dos problemas das mulheres, poderia esconder o facto de a própria existência da Monarquia ser um problema feminista. Clancy e Yelin (2021) procuram mostrar as limitações de um discurso feminista provenientes da própria instituição, sendo que também mostram as desigualdades no tratamento de Meghan e Andrew através da cobertura sexista e racista dos media, a falta de responsabilidade institucional, a saída de Meghan da Monarquia e as possibilidades da mesma de exercer um ativismo pós-real.

Assim, um problema real contemporâneo é o Príncipe Andrew, amigo de longa data do condenado Epstein. Fotografias dos dois foram encontradas, sendo que uma conta com a presença de Virginia Giuffre, testemunha chave no processo, que afirmou que Epstein a tinha forçado a ter relações sexuais com Andrew e outras celebridades masculinas aos dezassete anos. Andrew chegou a fazer uma entrevista para se defender publicamente, na qual não mostrou empatia pelo caso, ou pelas vítimas de Epstein, mas acabou por desaparecer de eventos e fotografias oficiais. Andrew, como escreveu Kilby (2019) referenciada em Clancy e Yelin (2021), não é um caso especial, pois a história da Monarquia é uma história patriarcal de escândalos sexuais, sendo que as autoras prosseguem a dar exemplos, começando por Henrique VIII, que mostram que explorar os corpos femininos é uma norma da realeza. Na altura em que este artigo foi redigido, Andrew ainda não tinha sido levado à justiça, mas o *#MeToo* fez com que este alegado abuso fosse muito mais difícil de ignorar, utilizando as redes sociais para dar uma plataforma pública ao testemunho de Giuffre, e à sua conta no Twitter *Victims Refuse Silence*. No entanto, mesmo quando as mulheres falam sobre o que lhes aconteceu são atacadas e desacreditadas (Kay, 2020, como citado em Clancy & Yelin, 2021), pelo que Giuffre foi considerada uma “mentirosa em série” e uma “falsa vítima do *#MeToo*” (Ashford & Roundtree, 2019, como citado em Clancy & Yelin, 2021), sendo obrigada a produzir detalhes como prova de que ela e Andrew tinham estado no mesmo sítio, desconsiderando as provas fotográficas. O Palácio de Buckingham considerou que o seu testemunho não “resistia ao escrutínio” (Adams, 2019, como citado em Clancy & Yelin, 2021), mostrando como a confiabilidade de uma sobrevivente, no caso de abusos sexuais, é constantemente posta em causa. Há um cenário polivalente sobre o que é a “verdade”, tendo em conta quem tem a autoridade e como certos relatos são deslegitimados. Em agosto de 2020, um jogador de Rugby Ashton Hewitt questionou no seu Twitter como é que a Markle tinha sido alvo de pior mediatismo do que o Príncipe Andrew, e o tweet teve um grande alcance. Como uma mulher de cor que se juntou à

Monarquia, Markle recebeu muitas críticas por “crimes” que se destacavam pelo quão pequenos eram comparados com os de Andrew (Clancy & Yelin, 2021). Críticas chegaram a ligar o facto de comer abacates com abuso dos direitos humanos e seca (*Daily Mail*), entre outros artigos que censuravam Markle e faziam ligações (como o *The Sun* ao Jack, The Ripper) que nada tinham em comum. Meghan foi uma figura que levou a vários discursos, principalmente a partir do momento em que os media perceberam que ela era uma forma de atrair audiências e gerar visualizações: nas 48 horas depois de o nome de Andrew ser mencionado nos papéis de Epstein, em agosto de 2019, o correspondente real do *The Mirror* postou onze histórias negativas sobre Meghan e apenas uma sobre Andrew e Epstein (Clancy & Yelin, 2021). As autoras prosseguem dando exemplos sobre os media e Andrew, para mostrar a desigualdade de tratamento entre ambos, chegando à conclusão de que, após a saída de Harry e Meghan em janeiro de 2020, a Família Real Britânica continua com Andrew, mas sem Meghan, revelando a continuação da compatibilidade do poder institucional com a figura do homem branco acusado de abuso sexual, mas não com a mulher birracial americana e autoproclamada feminista.

1.3. O Feminismo de Meghan Markle: a “feminista orgulhosa”

Clancy e Yelin (2020) focam o feminismo de Meghan Markle no rescaldo do casamento, em maio de 2018. O evento em si foi considerado como sendo uma utopia feminista e pós-racial, pela união de uma mulher, atriz divorciada, birracial e autoproclamada feminista, com um membro de uma instituição patriarcal. A presença de convidados afro-americanos na cerimónia foi interpretada como uma forma de desconstruir o status quo monárquico e alterar a tradição. Todavia, depressa as autoras discorrem sobre como o tom positivo da cerimónia depressa deu lugar a uma crítica a Markle e ao seu próprio falhanço em suportar o feminismo interseccional que, supostamente, representaria, críticas essas que foram vistas como misóginas ou racistas. A correspondente pró-real do *Daily Express* anunciou a necessidade de bloquear pessoas no Twitter devido ao abuso recebido e Rebecca English (*Daily Mail*) chegou a ser ameaçada como resposta a um tweet “pouco efusivo”. Como Markle se identificava como uma “feminista orgulhosa” e já tinha trabalhado com organizações como a ONU, houve pressão para que se tornasse numa “nova princesa feminista”. Ações como utilizar calças em eventos reais (algo já popular desde o início do século XX), abrir a porta do carro para Harry, eram vistas como momentos “significativos” para o feminismo (Rach, 2018, como citado em Clancy & Yelin, 2020) e surgiu uma afirmação exagerada do significado feminista de cada detalhe. Hamad e Taylor (2015), citados por Clancy e Yelin (2020), argumentam que as lutas discursivas sobre os significados do feminismo acabam por ser, na grande maioria, encenadas através de intervenções de celebridades. O seu estrelato serviu para definir a contemporaneidade do feminismo, que era cooptado e policiado por uma instituição com princípios antifeministas (Clancy & Yelin, 2020). Sarah Vine (jornalista do *Daily Mail*) argumentou, num artigo de opinião, que o feminismo de Markle tinha ido “longe demais”, com uma modernização também demasiado rápida (Vine, 2018, como citado em Clancy & Yelin, 2020), o que pode ser visto como um exemplo do “contra-ataque antifeminista” (Faludi, 1993, como citado em Clancy & Yelin,

2020). Embora constituindo uma crítica a Markle, assume-se que os seus atos representam uma nova ordem feminista, e, consequentemente, o momento de mudança radical feminista.

1.3.1 Os Feminismos Neoliberal, Popular e de Celebridade

O feminismo de Markle enquanto embaixadora da Casal Real refletia as qualidades dos feminismos de celebridade, neoliberal e popular (Banet-Weiser, 2018a; Rottenberg, 2018, como citado em Clancy & Yelin, 2021), e a proposta é que estes tipos de feminismo não exigem uma mudança estrutural, permitindo, todavia, uma aparência generalizada e tranquilizadora de progresso. Este feminismo de celebridade contemporâneo tem trazido uma maior visibilidade às declarações na cultura popular (Hamad & Taylor, 2015, como citado em Clancy & Yelin, 2021), e os pareceres académicos sobre a questão divergem, uma vez que há teóricos como Keller e Ringrose (2015) que consideram que esta é uma forma de tornar o feminismo mais acessível às audiências, especialmente mulheres jovens (Keller & Ringrose, 2015, como citado em Clancy & Yelin, 2021), e outros como Banet-Weiser (2018^a, 2018b); Hamad e Taylor (2015), referenciados no mesmo texto, que atentam que este feminismo pode ser “despolitizado”, neoliberalizado, e desfigurado naquilo que preconiza, oferecendo uma ideia vaga de empoderamento (Banet-Weiser, 2018, 2018b; Hamad & Taylor, 2015, como citado em Clancy & Yelin, 2021). Sendo Meghan Markle birracial, divorciada e autoproclamada feminista, acaba por oferecer aquilo que pode ser considerado um tipo mais progressivo de feminilidade real quando comparada com a feminilidade real burguesa e tradicional de Kate Middleton, uma feminilidade branca e, supostamente, respeitável. Deste modo, o trabalho de Markle enquanto feminista ao serviço real foi tido em consideração e observado pormenorizadamente, fazendo dela uma feminista real.

Quanto aos modelos de feminilidade, Clancy e Yelin (2020) refletem sobre Diana e a sua entrada tanto no seu casamento como no funeral, como forma de mitigar a persona pública de Diana no pós-divórcio que teria abalado a instituição monárquica. A imagem de Markle de braço dado com o mesmo homem (Carlos, no seu casamento) é uma ferramenta poderosa de conciliação. Todavia, as representações de Kate Middleton refletem uma feminilidade conservadora e tradicional (Allen *et al.*, 2015; Clancy, 2015 como citado em Clancy & Yelin, 2020) e demonstram que a Monarquia não mudou e que os mitos que surgiram do comportamento de Diana estão contidos. Quanto à questão do casamento, Andrews (2021) escreveu que este é um exemplo do falhanço da interseccionalidade, através da premissa de que um casamento real é positivo baseado somente na questão racial. Como Markle é birracial, o que muda a visão que se tem da família, representa uma suposta diversidade, o que esquece a noção de género. Para Lewis (2001), citado por Andrews (2021), é difícil entender como é que uma mulher que se casa com um homem é um sinal quer de progresso, quer de concretização, tendo em conta as raízes profundamente patriarcais da instituição do casamento. Além disso, a narrativa de princesa é problemática na perspetiva dos estudos de género, assim como a de conto de fadas que perpetua o estereótipo do príncipe encantado. Para Andrews (2021), estas ideias ainda são menos legítimas quando se reflete sobre a família para o qual Markle entrou, que é uma instituição patriarcal ao nível de estrutura,

sucessão e apresentação (Clancy & Yelin, 2018, como citado em Andrews, 2021). Isto reflete tradicionalismo e regressão das noções de gênero.

Em discussões sobre as mulheres da realeza, os discursos de exploração feudal persistem já que a história da Monarquia, ressaltam as autoras, é a história da subjugação da mulher e dos seus corpos: “a royal lady is a royal vagina” (Mantel, 2013, como citado em Clancy & Yelin, 2021, p. 2). Enquanto as feministas tentam alterar a ideia de que as capacidades reprodutivas da mulher são o seu destino (Carter, 1979, como citado em Clancy & Yelin, 2021), isto continua inscrito no papel das mulheres da realeza, pois são as responsáveis por reproduzir um herdeiro que mantenha o poder institucional. Assim, a hierarquia sexual é fundamental para o tratamento de mulheres que entram na própria instituição. As normas da feminilidade real são especificamente tradicionalistas, sendo que tanto Kate Middleton como Diana foram sujeitas a discursos conservadores de feminilidade e respeitabilidade maternal (Allen, *et al.*, 2015; Shome, 2014, como citado em Clancy & Yelin, 2021), mesmo que ambas, tal como Markle, representassem uma Monarquia “modernizada” através do seu background “não-real” (Repo & Yrjola, 2015, como citado em Clancy & Yelin, 2021). Estas contradições da feminilidade real sempre existiram, uma vez que as mulheres ocupam, simultaneamente, o papel de mulheres “normais” que casaram príncipes; e o papel de celebridade, de ícone de moda na medida em que têm de acompanhar as tendências contemporâneas, e ser, ao mesmo tempo, esposas e mães tradicionais. Estes papéis funcionam para segurar uma instituição histórica e o papel da feminilidade dentro dela.

As campanhas feministas de Markle ao serviço da Família Real eram parte de uma campanha bem orquestrada para posicionar a instituição real como “merecedora” dos seus privilégios. As representações das campanhas de feminismo real de Markle não eram acidentais, nem provinham da sua responsabilidade individual, sendo, pelo contrário, uma forma de capitalizar a sua “imagem de estrela” de forma a permitir à Monarquia ter uma receção favorável. Markle afirmou que as mulheres não precisam de encontrar uma voz, pois possuem-na e necessitam, sim, de se sentir empoderadas o suficiente para a usar (Gonzales, 2018, como citado em Clancy & Yelin, 2021), discurso que apaga as desigualdades interseccionais nas estruturas institucionais e sociais que desacreditam e negam às mulheres a sua autoridade quando estas descrevem, por exemplo, abuso sexual, colocando ênfase em como as mulheres se sentem, mas não em como os abusadores agem. As características do feminismo real de Markle e das suas ações frequentemente refletiam as qualidades de um feminismo popular, de celebridade e neoliberal (Banet-Weiser, *et al.*, 2018). As estruturas neoliberais lucram com esta campanha feminista neoliberal, ao mesmo tempo que continuam a perpetuar sistemas que reproduzem uma desigualdade de gênero (Zielser, 2016, como citado em Clancy & Yelin, 2021). Discursos de empoderamento neoliberal são, de acordo com as autoras, uma tendência nas campanhas reais de Markle. Destacam-se duas primeiras aparições reais: como patrona da *Smart Works* (com a qual lançou uma coleção cápsula com roupa para as mulheres irem a entrevistas de emprego) e na instituição de caridade para trabalhadoras sexuais, a *One25*. Nenhum dos projetos referenciava as iniquidades estruturais que levavam estas mulheres ao desemprego ou à dependência de caridade privada para

alimentação ou vestuário. Colocar a responsabilidade nas mulheres que “não sabem usar a sua voz” olvida o poder das instituições patriarcais que podem rejeitar os pedidos para ofertas mais justas para as mulheres vulneráveis (Yelin, 2020, como citado em Clancy & Yelin, 2021). Nos media, as iniciativas de Markle foram reportadas favoravelmente (Barcelona, 2019; Furness, 2019, como citado em Clancy & Yelin, 2021), tendo havido, no entanto, alguma crítica, de que ela poderia ajudar muito mais, tendo em conta a sua influência. Embora o ativismo feminista seja feito dentro de estruturas antifeministas, e Markle possa ser creditada por trazer atenção aos problemas das mulheres, não dá para não colocar essa atenção no contexto do capitalismo patriarcal da Monarquia. Os feminismos neoliberal e monárquico coexistem porque nenhum convida à crítica do sistema opressivo ou do *status quo*. Como “deveres reais”, projetos filantropos são chave para “produzir consentimento” para a Monarquia através dos valores de patronagem e moralidade (Clancy & Yelin, 2021), daí que o feminismo de Markle seja “co-optado” (Clancy & Yelin, 2020) pela Monarquia como parte do seu reposicionamento político-ideológico: “Monarchy is a feminist issue because the voices of women like Meghan are appropriated to further institutional agendas” (Clancy & Yelin, 2021, p. 3).

Tendo escrito o artigo em 2018, Clancy e Yelin (2020) refletem sobre os modelos de feminilidade que Markle poderia, na altura, seguir, pois já teria sido mostrado que a sua voz ativista poderia ser silenciada ou apropriada pela Monarquia: desistiu da sua carreira de atriz, apagou os seus blog e redes sociais, entre outros, e muito da sua biografia foi posta de parte no site da Família Real, tendo a referência ao seu trabalho no programa *Suits* surgido muito mais tarde, após crítica (Perring, 2018, como citado em Clancy & Yelin, 2018): “This suggests that not only are Markle’s previous platforms being reigned in but also that the Palace find it somewhat regrettable, perhaps even embarrassing, that she ever previously had a public voice” (Clancy e Yelin, 2020, p. 374). Inclusive, Markle terá recebido “aulas” sobre como se comportar enquanto Duquesa, de modo a acelerar o protocolo (Davidson, 2018, como citado em Clancy & Yelin, 2020). A Monarquia parece celebrar a sua diversidade e influência, mas com limitações pré-definidas.

Os media de esquerda utilizaram um tom celebratório (*The Independent*, *The Guardian*, *New Statesman*), trazendo a narrativa dominante e suspendendo a crítica das dinâmicas de poder, favorecendo o multiculturalismo e os ideais feministas como verdadeiro progresso, demonstrando Markle como uma ferramenta importante para reposicionar a Monarquia como instituição. Este comportamento é típico da cultura mediática pós-feminista, e saudar Markle como feminista permite à Monarquia construir um desempenho de progresso numa época que conta com a proliferação de novos e velhos valores misóginos (Gill, 2016, como citado em Clancy & Yelin, 2020), dando a Markle, celebridade (pós)feminista, um grande valor para uma Monarquia que se quer distinguir de outras formas de patriarcado e desviar a atenção da sua própria relação problemática com questões sobre raça, género, classe e religião.

Meghan foi e tem sido diretamente associada ao movimento *#MeToo*, por exemplo, pela jornalista conservadora Sarah Vine, que desejou que ela fosse “menos *#MeToo*” no seu feminismo. Clancy e Yelin (2021) também focam o feminismo de celebridade como uma forma de enquadrar o feminismo praticado

por Markle ao serviço da Família Real e mesmo depois. Este tipo de feminismo é praticado por mulheres de alto perfil com papéis em momentos culturais como as campanhas *Time's Up* e *#MeToo*, que serviram para demonstrar as desigualdades de género. A entrada de Markle trouxe à Monarquia a discussão sobre género e feminismo, pelo que as autoras discutem a presença de Meghan como uma “imagem de estrela”, dado o seu interesse prévio em questões destas. Desde a sua saída, Markle tem feito alguns discursos politizados sobre *Black Lives Matter* e outros assuntos, o que leva a crer que estando fora da instituição e das suas estruturas de poder, Meghan pode participar numa variedade maior de discursos públicos enquanto individualidade, mostrando que o seu feminismo de celebridade representa muito mais oportunidades de contribuição ao debate popular fora do seio da Família Real.

As representações do feminismo de Meghan serão sempre, à partida, interseccionais, porque ela existe numa intersecção de classe, raça e género. Ao mesmo tempo, o envolvimento da Monarquia em assuntos e problemas relacionados com o género pedem uma análise interseccional, pois a instituição representa o epítome da dominação colonial, e da supremacia branca, além da hierarquia feudal. A masculinidade de Harry foi posta em causa, devido ao status de feminista de Markle. O próprio Harry, que falou em redefinir a masculinidade, não o pode fazer enquanto beneficiar do patriarcado, da dominação colonial que sustêm o seu contínuo privilégio real. As histórias da realeza, construindo a masculinidade através do sexo, poder e direito ao corpo das mulheres, significam que os príncipes podem renegar até direitos básicos como os direitos humanos e o consentimento sexual (Clancy & Yelin, 2021). Esta é a razão pela qual a Monarquia é, e sempre será, um problema feminista, de acordo com as autoras. Se é necessário destringir a diferença entre as representações de Meghan individualmente, e a sua função simbólica na instituição da realeza, é porque a interação estrutura vs. individual é uma tensão fundamental do *#MeToo* e nos debates sobre a individualização do feminismo neoliberal e de celebridade. As representações de Markle e Andrew no período do *#MeToo* reproduzem as narrativas do individualismo em vez de identificarem iniquidades estruturais. O papel do risco individual é bastante diferente no que toca a Markle comparativamente com Andrew, uma vez que a primeira se destacou pela atenção, crítica, e racismo que recebeu, eventualmente deixando a família, enquanto a instituição permanece ileso com Andrew, que destaca o papel antifeminista da Monarquia, o seu patriarcado e opressão: “The very existence of the monarchy is a feminist issue when Meghan, a woman of colour and self-identified feminist, has to leave, while Andrew, a white man accused of criminal sexual exploitation, continues to quietly exist within” (Clancy & Yelin, 2021, p. 5).

CAPÍTULO 2

Abordagem Metodológica

2.1. Questões de Investigação

Da problemática proposta na Introdução, surgem as seguintes questões de investigação, que serão o ponto de partida desta dissertação:

1. De que modo é que um discurso feminista popular tomou forma no *Daily Mail* na representação de um confronto entre Meghan Markle e a Casa Real Britânica?

2. Quais as diferenças entre o tratamento mediático de Meghan Markle e outros membros da Família Real Britânica (principalmente Kate Middleton) no jornal tabloide *Daily Mail*, em artigos publicados entre 2016 e 2020?

2.2. Fonte

Primeiramente, é necessário definir o que é um tabloide para entender o funcionamento do *Daily Mail*, jornal que irá ser estudado nesta dissertação. A noção de jornal tabloide foi primeiramente introduzida nos media por Alfred Harmsworth, o primeiro proprietário do *Daily Mail*. O tamanho e a forma dos jornais têm-se alterado bastante ao longo da sua história, mas a partir da primeira década do século XX os papéis com tamanho tabloide (folhas com metade do tamanho standardizado) tornaram-se comuns, sendo que no Reino Unido triunfaram (Williams, 2009). Harmsworth produziu uma versão tabloide de *Daily World*, um jornal de Nova Iorque, em 1901, mostrando que o mais importante no termo tabloide era a economia do estilo e não propriamente o tamanho do jornal, associando-se, também, a brevidade e a simplicidade como objetivos a alcançar, através de frases curtas e palavras sucintas, que permitissem ao leitor ter conhecimento das notícias diárias em sessenta segundos (Williams, 2009). Atualmente, o termo tabloide é comumente utilizado de forma pejorativa para designar jornais que possam caracterizar-se por um maior sensacionalismo e nos quais não se deve confiar inteiramente, seja pela preferência em noticiar *soft news* (desporto, crime, celebridades, entretenimento) ao invés de *hard news* (política, economia, cultura); pelo seu tom mais conversacional, que remete para a linguagem mais coloquial do leitor, que, no entanto, pode criar uma relação mais igualitária com o mesmo; ou por outros atributos que os distinguem dos jornais ditos tradicionais (Steenveld & Strelitz, 2007).

Tendo isto em consideração, é possível fazer uma listagem das características do *Daily Mail*. Lançado a 4 de maio de 1896, este jornal é um tabloide com publicações diárias, tanto em papel como no digital, que possui, de acordo com o seu site oficial, quatro milhões de leitores por semana, sendo apenas ultrapassado pelo *The Sun* na categoria de jornais diários. Pertence à DMGT (*Daily Mail and General Trust*) e o seu editor é, neste momento, Ted Verity. O jornal também possui um *Royal Editor* que trata de assuntos relacionados com a Realeza Britânica, Rebecca English. No que concerne à temática em específico deste trabalho, há que destacar a existência da secção *Femail* que reúne categorias como *Latest Headlines*, *Meghan Markle*, *Fashion Finder*, *Mail Best*, *Shopping*, entre outras.

Os artigos escolhidos para análise provirão de diversas secções do website do *Daily Mail*, revelando-se, no entanto, o destaque dado a Meghan Markle pelo tabloide, o qual se traduz numa secção própria.

Aquando da procura do tópico “Meghan Markle” no arquivo do site do *Daily Mail*, aparecem, até 31 de outubro de 2022, 15,701 artigos de várias fontes, sendo maioritárias as que fazem parte do Universo *Daily Mail*. Para uma precisão maior, utilizar-se-ão artigos marcados como sendo do *MailOnline*, *Daily Mail on Sunday* e *The Daily Mail*, sendo que o primeiro é o website do último, enquanto o segundo é lançado apenas ao domingo como o seu nome indica. Escolheram-se vários artigos do mesmo Universo (*Daily Mail*), pois não cingir a pesquisa apenas a um dos três traz uma maior variedade de discurso. Como se irá perceber, apesar da variedade, a índole é semelhante, sendo que os títulos, objeto de análise, têm características próprias que dificultam, à primeira vista, a percepção de que provêm de jornais diferentes: geralmente são muito longos, provocatórios e chamativos. Estas características percebem-se através da pesquisa, uma vez que também são disponibilizados títulos de agências noticiosas como a *Associated Press* e a *Reuters*, sempre mais curtos e diretos, sem indicar, na generalidade, juízos de valor, ao contrário dos títulos do Universo *Daily Mail*.

Demonstre-se um exemplo que sustenta este argumento: sobre o mesmo assunto, Markle passar o Natal com a Família Real antes de se casar com Harry, a *Associated Press* escreveu: “Meghan Markle to join royal family for Christmas” (13/12/2017). Já no *MailOnline* sob escrita de Amie Gordon, em 29/11/17, pode ler-se: “Meghan Markle ‘will join the Queen at Sandringham for Christmas’ – even though Kate was NOT invited when she was engaged to William”. Não só o segundo título é mais longo, como remete para assuntos que não são o foco, como o facto de Kate não ter sido convidada aquando na mesma situação de Markle, destacando, ainda antes do casamento, uma diferença entre as duas. Estas diferenças são comuns, e são a razão pela qual se escolheu o *Daily Mail* e o seu Universo em detrimento de outros jornais ou agências noticiosas. Além disso, é de destacar o facto de Markle ter iniciado uma ação legal em 2019 contra o *The Mail on Sunday* por este ter publicado uma carta que ela enviou ao pai, processo que a ex-Duquesa venceu em 2021.

2.3. Metodologia

Para tentar responder às questões acima explicitadas, além da fulcral revisão da literatura que servirá de enquadramento teórico, propõe-se, primeiramente, a utilização de uma metodologia centrada na análise de conteúdo comparativa, sendo que Markle é sempre aquela que serve como base de comparação. Pode alterar-se a(s) pessoa(s) com a qual se compara, mas Markle é a constante na análise, uma vez que o objetivo é entender os diferentes tratamentos em contraste com Meghan Markle.

A análise de conteúdo temática (qualitativa) é relevante para a execução do trabalho proposto porque, para Bardin, é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdo) extremamente diversificados” (Bardin, 2012, p. 16), oscilando, enquanto forma de interpretação, entre dois polos: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade (Bardin, 2012), levando à procura daquilo que é inédito ou não está à vista

de todos. Neste caso, focar-se-á na análise de conteúdo temática comparativa, uma vez que o principal objetivo desta dissertação é fazer uma comparação entre os diversos artigos de modo a perceber os padrões gerais de representação de Meghan Markle no Universo *Daily Mail*.

Quanto à amostra, propõe-se a utilização de artigos sobre Meghan Markle lançados entre 2016-2020, sendo este último ano aquele em que Markle e o seu marido, Harry, se separaram, oficialmente, da Família Real Britânica. Primeiramente, entendeu-se que seria melhor manter a baliza temporal 2018-2020, mas após pesquisa chegou-se à conclusão de que havia artigos como, exemplificando, um de 2016 que teve como título *Harry's girl is (almost) straight outta Compton* (Daily Mail, 2016), que seriam importantes para a representação da imagem mediática de Markle e, consequentemente, importantes para este trabalho, tendo-se aumentado a amplitude para 2016. Não obstante, existe a problemática de algumas notícias relativas a Kate Middleton poderem ser mais antigas, uma vez que há eventos primordiais, como o caso da maternidade e o próprio casamento, pelos quais Kate passou em anos anteriores aos explicitados.

De modo a retirar significado das interpretações e análises feitas, utilizar-se-á a análise do discurso como parte crucial. Após reflexão, decidiu-se que seria mais adequado enveredar pela teoria da Linguística Sistémico-Funcional, dado que, numa primeira instância, se dará mais relevância aos títulos, o que torna a amostra mais ampla. Para Halliday, percussor da Linguística Sistémico-Funcional, “a natureza da língua está intimamente relacionada com as necessidades que lhe impomos, com as funções que deve servir” (Halliday, 1970, como citado em Gouveia, 2009). Halliday propõe uma análise em simultâneo do sistema de língua e das suas funções, partindo do princípio, para ele crucial, de que a “forma particular assumida pelo sistema gramatical de uma língua está intimamente relacionada com as necessidades sociais e pessoais que a língua é chamada a servir” (Halliday, 1970, p. 142, como citado em Gouveia, 2009, p. 15). Assim, para esta dissertação, utilizar-se-ão títulos de artigos que serão analisados sob a luz da Análise do Discurso, mais precisamente da Linguística Sistémico-Funcional como já referido. Na pesquisa inicial selecionaram-se 471 artigos desde 2016, ano em que começaram os rumores que ligavam Meghan Markle ao Príncipe Harry e, consequentemente, à Família Real, até 2020, ano em que aqueles renunciaram os seus títulos. Os artigos foram escolhidos mediante o tema proposto nesta dissertação, e tentou eleger-se pelo menos um título (e, quando existentes, subtítulos) relativo a cada acontecimento publicado, com a exceção de eventos mais noticiados como o noivado, o casamento, a maternidade e a saída do casal da Firma (*The Firm*¹). Ao fazer a investigação, percebeu-se que muitos dos títulos remetem para assuntos semelhantes – sobre determinado acontecimento pode haver cerca de cinco artigos com apenas pequenas atualizações - ou que, a longo prazo, não são uma mais-valia para aquilo que se procura estudar neste trabalho, como por exemplo a moda, a roupa que

¹ Expressão informal utilizada por George VI, que conjuga a própria família e as instituições associadas, incluindo todos o que permitem o funcionamento da Monarquia – “not a family, we’re a firm” (Bruner, 2021, Time Magazine).

Markle utiliza, a forma como o seu estilo influencia outras pessoas, e onde é que os leitores podem arranjar peças semelhantes por preços mais baratos. No fim, analisaram-se 60 títulos ao longo do trabalho.

Dados os limites da extensão desta dissertação, optou-se por efetuar uma análise de forma substancial para criar um encadeamento entre argumentos que tentem responder às questões propostas, apontando assim para um padrão nos mesmos. Assim, os títulos eleitos não serão analisados de forma pormenorizada quanto às suas anotações linguísticas, mas antes à luz do que a análise em si, de forma lata, traz à argumentação principal, uma vez que seria impossível analisar um a um de forma sistemática e minuciosa para este trabalho. Acrescente-se, ainda, o facto de esta ser uma dissertação no âmbito do Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação e não na área da Linguística.

Deste modo, é necessário que se faça uma introdução à Linguística Sistémico-Funcional, de modo a entender a sua relevância e o motivo da sua escolha. A Linguística Sistémico-Funcional (LSF) enquanto ferramenta metodológica foi escolhida tendo em conta a importância que coloca na linguagem e na sua função, além da própria semiótica social, que incorporou, de acordo com Halliday, a necessidade de estudar a competência comunicacional que provém do contexto social e psicológico (Bloommaert & Bulcaen, 2000, como citado em Fernandes, 2014). A Linguística Sistémico-Funcional dita que o utilizador da linguagem pode optar por diferentes funções da língua, mediante o contexto social. A análise dessas escolhas permite à Análise Crítica do Discurso confirmar o pressuposto de que a manipulação da comunicação é uma opção para o utilizador da linguagem (van Dijk, 1988, como citado em Fernandes, 2014), algo que poderá ser visto aquando da análise dos artigos nesta dissertação. As funções universais da linguagem verbal (metafunções) relacionam-se com fenómenos intrínsecos à linguagem ou fora dela, sendo que se dividem em interpessoal, ideacional e textual. Como referenciado em Fernandes (2014), as primeiras duas metafunções têm a ver com o extralinguístico, permitindo, através da gramática (modo verbal e transitividade), determinar quem dá ordens a quem numa determinada ação (interpessoal) ou “construir uma imagem de quem pode participar numa ação (ideacional)” (Fernandes, 2014, p. 153).

A forma de verificação da metafunção interpessoal passa, por exemplo, pelo modo indicativo ou imperativo da oração. De acordo com Tavares *et al.* (2012), esta metafunção está conectada com o relacionamento entre pessoas, e é através dela que o falante participa no processo da fala, expressando, consequentemente, o seu julgamento pessoal e as suas atitudes, além das relações estabelecidas entre si próprio e o que o ouve. A análise desta função é apoiada na gramática da própria oração, e nos seus sistemas de modo e modalidade. De acordo com Tavares *et al.* (2012), no que concerne a modalidade, há que destacar a deontica, pois é através dela que se pede ou autoriza uma ação do interlocutor num tempo futuro. Tavares *et al.* (2012) discorre sobre a modalidade deontica em sentenças judiciais. Começa por descrever a metafunção interpessoal, citando Halliday: “(...) Através desta função, que podemos chamar interpessoal, os grupos sociais são delimitados e o individual é identificado e reforçado, pois a linguagem, além de capacitá-lo a interagir com as outras pessoas, serve também para

a manifestação e o desenvolvimento de sua própria personalidade” (Halliday, 1976 pp. 136-137, como citado em Tavares *et al.*, 2012, p. 2030).

A interpersoalidade, explica o autor, é o princípio básico de todos os atos comunicativos, uma vez que quem comunica quer ser lido, ouvido; quer receber resposta; obter qualquer benefício, ou, por outro lado, fornecer algo que beneficie o que o ouve. Assim, nesta metafunção, analisa-se o modo e os recursos gramaticais que mostram a interação entre os participantes, sendo a oração vista como uma troca. Concomitantemente, é necessário investigar as circunstâncias em que a oração ocorre e que marcas o emissor utiliza para estabelecer e indicar a sua opinião em relação ao tema, ao que é dito, tanto para fornecer informação como para procura de respostas (dar/solicitar). De acordo com a LSF, o modo é onde se pode encontrar a função interpersoal de toda a mensagem (Tavares *et al.*, 2012). Este modo é dividido entre sujeito e finito, sendo que o primeiro equivale ao “grupo nominal ao qual a mensagem é tematizada, mas não necessariamente o ator” (p. 2031), enquanto o segundo descreve a forma como a mensagem é direcionada ao interlocutor através de tempo, modo, locução verbal, ou polaridade (negativa ou positiva) (Fuzer & Cabral, 2010, p. 06, como citado em Tavares *et al.*, 2012). Tavares *et al.* referencia Thompson (2004) sobre o facto de o modo ser o “cerne de troca” (p. 2031), e o resto da oração servir apenas para preencher detalhes:

Na gramática sistêmico-funcional, tais “detalhes” são chamados de resíduo, onde se encontram os seguintes elementos: a) Predicador: grupo verbal dissociado do finito; b) Complemento: grupo nominal não designado pelo falante para compor a interação; c) Adjunto: grupo adverbial ou preposicional a indicar circunstância (Fuzer & Cabral, 2010, p. 107, como citado em Tavares *et al.*, 2012, p. 2031).

Seguidamente, explica a questão da modalidade que, como marca linguística, possui dois aspetos: apreciações do locutor sobre o conteúdo; e os seus interesses e intenções quanto às tarefas da enunciação (Azeredo, 2007, p. 122, como citado em Tavares *et al.*, 2012). Já para Castilho e Castilho (2002), igualmente referenciados, a modalização tem vários recursos como modos verbais; verbos auxiliares (modais) como dever, poder, querer; adjetivos, tanto isoladamente como em expressões que juntam o verbo ser + adjetivo; advérbios oracionais; sintagmas preposicionados adverbiais. Milton José Pinto (1984) coloca no enunciado avaliações ou pontos de vista sobre o próprio conteúdo, ou sobre a própria enunciação (Nascimento, 2009, como citado em Tavares *et al.*, 2012). O autor destaca a modalidade deôntica que se situa no domínio do dever (obrigação e permissão), ligando-se ao imperativo através de atos diretivos de fala, levar o outro a fazer algo (Neves, 2002, como citado em Tavares *et al.*, 2012). Cite-se, de acordo com Nascimento (2010, pp. 37-38), referenciado em Tavares *et al.* (2012), as formas de manifestação da modalização deôntica: 1. Diretamente expressa ao interlocutor (como ato social); 2. Indiretamente: impessoal, ou isenta (“é necessário); 3. Inclusiva ou universal (“vamos”, “temos de”). Seguidamente, o mesmo autor propõe uma forma de classificar os modalizadores: 1. De obrigatoriedade (o conteúdo da proposição tem de ocorrer, e o interlocutor deve obedecer ao mesmo); 2. De proibição (conteúdo da proposição é proibido e não deve ser realizado pelo interlocutor); 3. De possibilidade (conteúdo facultativo, e o interlocutor tem permissão de o exercer) (Nascimento, 2010, p. 35, como citado em Tavares *et al.*, 2012). A modalidade deôntica encontra-se em ordens, solicitações, proibições,

aviso e permissões, embora, em tempos verbais, não seja produzida apenas no modo imperativo, utilizando, também, os modos oracionais declarativo e interrogativo (Fuzer & Cabral, 2010, p. 112, como citado em Tavares *et al.*, 2012). Nascimento escreve também que os modalizadores podem ser acentuados ou atenuados por modalizadores que não deônticos: epistêmicos e avaliativos.

A ideacional pode observar-se na estrutura de um processo que inclui, de forma basilar, um ator, um processo e um objetivo. Os processos de transitividade podem ser variados, como explicitado no artigo de Gouveia (2009), podendo ser: processos materiais (fazer, acontecer – ações levadas a cabo por um Ator, representações de ações concretas cuja mudança pode ser comprovada); processos mentais (sentir, pensar) – atividades não do mundo exterior: podem ser de percepção (ver, ouvir, etc.), de cognição (compreender, conhecer, etc.) e de afeição (gostar, rezear, amar, etc.) e têm sempre um humano como participante consciente (experienciador) e, normalmente, tem um segundo participante, ou seja, o que é sentido (fenómeno). Há casos em que entidades destituídas de consciência podem ser o experienciador, através de metáforas ou personificações (Gouveia, 2009); processos relacionais (ser ou estar, mas não existir, pois assim confundir-se-iam com os processos existenciais, sendo que envolve duas partes: Portador e Atributo); processos verbais: processos de dizer, comunicar e incluem, também, processos semióticos como mostrar ou indicar; processos comportamentais: processos que manifestam, exteriormente, aspetos da vida interior daquele que fala (olhar, escutar, falar, rir, etc.); e, por fim, processos existenciais: existe alguma coisa, só há um participante – o Existente (Gouveia, 2009).

Por fim, existe a metafunção textual, que se ocupa da criação do texto e com o tema (sistema textual) – o tema indica o ambiente local textual, “lugar na rede de significados do ouvinte que o falante especifica” e no qual a mensagem é tida como relevante (Matthiessen & Halliday, 1997, como citado em Fernandes, 2014, p. 153), funcionando como o “tópico” da Análise Crítica do Discurso, vulgo aquilo de que o texto fala. De acordo com Tavares (2012), esta metafunção concerne a criação de texto, e é através dela que a linguagem contextualiza as unidades linguísticas, situando-as no contexto. O texto é uma unidade operacional, não obstante, a macrofunção não se cinge a estabelecer relações entre as frases, abrangendo a organização interna da frase, o seu significado como mensagem (em si, e no contexto). Para fins de análise, a metafunção textual está apoiada nos sistemas temático (relacionado com a organização dentro das orações e entre elas, é daqui que se extraem os conceitos de tema e rema [que não é ponto de partida para a ação]) e de informação (que se relaciona com o grau de proeminência da informação e o seu grau de novidade, com categorias como o dado (elemento que já é conhecido) e o novo) (Fernandes, 2014, p. 2090). Tendo estas noções em consideração e as estratégias metodológicas definidas, procurar-se-á fazer uma análise superficial de títulos, e subtítulos quando existentes, do Universo *Daily Mail* como forma de encadear uma argumentação que possibilite uma tentativa de resposta às questões colocadas neste capítulo, assumindo-se que as hipóteses de partida são apenas conjecturas para as quais a resposta não é garantida e cuja percepção poderá ser alterada ao longo da pesquisa e análise.

CAPÍTULO 3

Análise de Títulos de Artigos do Universo *Daily Mail*

3.1. Caracterização de Markle: “the spunky american divorcee”

Quando surgiram os primeiros rumores de que Harry estava num romance com Markle, várias foram as *headlines* que trouxeram discórdia. Destaque-se:

EXCLUSIVE: Harry's girl is (almost) straight outta Compton: Gang-scarred home of her mother revealed - so will he be dropping by for tea? - Ruth Style, *DailyMail.com* (02/11/16 updated 10/01/20)

Prince Harry's new girl, Suits star Meghan Markle, is from Crenshaw, LA
Crenshaw has endured 47 crimes in the past week - including murder
Gangs, including the Bloods, count the neighborhood as their territory
Markle's social worker mom, Doria Ragland, lives in the run-down area
And the actress's aunt, Ava Burrow, is in nearby gang-afflicted Inglewood

O *Daily Mail* não hesitou a comparar o bairro de Markle com Compton, utilizando a gíria “straight outta Compton”, título de uma canção de um grupo de rap, de meados dos anos 80, e prosseguindo a análise através da utilização de estereótipos racistas “Gang-scarred home”. Compton é associado a lutas de gangues, violência, considerado um bairro pouco seguro, embora muitas celebridades tenham crescido lá. A associação de Markle a este bairro não é inocente e serve para demarcar a diferença entre ela e Harry, o príncipe inglês. A utilização das estatísticas relativas ao bairro de onde é, realmente, originária Markle, Crenshaw, demonstra um processo mental para levar o leitor a criar uma opinião menos positiva da “new girl” de Harry, questionando se ele “will be dropping out for tea”, quase como assumindo que ele não se poderá, nunca, rever nos laços familiares da namorada, cuja mãe mora perto do bairro e cuja tia mora perto de uma área também associada a gangues, Inglewood. O ator é “Harry’s girl” – cujo nome só vem mencionado no subtítulo. Quanto à metafunção interpessoal está-se perante um modo indicativo, uma vez que Ruth Style, a autora, está a apresentar factos, parciais, para ajudar o leitor a formar uma opinião sobre Markle, não se focando em aspetos positivos, mas sim utilizando associação: Se Markle e a sua família estão perto de bairro x, então as suas atitudes serão um reflexo das suas vivências. Este foi um dos artigos que mais polémica causou pela sua índole racista e estereotipada, transmitindo a ideia de que Markle não seria suficiente para o Príncipe britânico, o que deixa transparecer a questão nacionalista que remete para Markle como sendo aquela que não pertence à Família Real, assim como Harry não pertence a Crenshaw.

Markle e a sua mãe também foram descritas como tendo um “exotic DNA”, num artigo escrito por Rachel Johnson, para o *The Mail on Sunday* (6/11/16), que tinha como título: “RACHEL JOHNSON: Sorry Harry, but your beautiful bolter has failed my Mum Test” e no qual, comparando Markle a um “bolter”², faz uma análise do seu aspeto físico, da sua carreira, e caracteriza a sua mãe como “a dreadlocked African-American lady from the wrong side of the tracks who lives in LA, and even the sourest spinster

² “an outsider in a contest or race” em inglês britânico e “a horse that bolts” em inglês dos Estados Unidos (Collins English Dictionary)

has to admit that the 35-year-old actress is extremely easy on the eye”, chegando à conclusão de que a jovem não passa no seu “mum test”, num artigo ofensivo em que escreve que Harry precisa de uma Sophie Wessex ou de uma Kate Middleton e não de uma “racy woman”, assumindo, não obstante, que a negatividade não provém do facto de Markle ser birracial, premissa que o tom do artigo não confirma.

Também o escrutínio ao passado de Markle, à sua família e aos seus comportamentos começou após o início dos rumores. Ressurgiu um vídeo da ex-atriz a responder a algumas perguntas sobre o Reino Unido: “You're going to have to brush up on your Brit knowledge now you're dating a Prince, Meghan! Harry's American sweetheart takes a Britishness test... but it doesn't go well” por Stephanie Linning para *MailOnline* (02/11/16 updated 17/04/2019). Nunca se mete em questão que Harry também tenha de ser proficiente nos códigos da cultura norte-americana. Este título, direccionado diretamente a Markle, revela um processo mental de cognição, e não permite esquecer que Meghan não provém do mesmo sítio que Harry: “American Sweetheart”.

Enquanto os rumores não foram confirmados, Markle era muitas vezes mencionada como sendo “saucy divorcee”, “american”, “canadian”, “actress:

PIERS MORGAN: Harry marrying a spunky American divorcee would have sent the British Royal Family into fury 80 years ago. But if Meghan can succeed where countless English gals have failed in making Harry settle down, they should make sure he weds her ASAP” - Piers Morgan, *MailOnline* (15/12/16).

Dentro desta caracterização, Markle também era considerada uma “força de mudança”. Esta foi uma narrativa comum até depois do casamento, em maio de 2018. A ideia de que Markle, enquanto mulher birracial, divorciada e norte-americana, com um passado fora dos padrões da Realeza, iria revolucionar, de alguma forma, a maneira como a Família Real, uma instituição patriarcal e predominantemente branca, atuava e era vista globalmente, foi um tema recorrente, embora, nem sempre, da forma mais positiva: “SARAH VINE: I’ve no doubt that feminist Meghan will be a great force for change. But she must pay heed to tradition too” por Sarah Vine para *The Daily Mail* (22/05/18). Neste título, Sarah Vine, um nome recorrente na crítica da futura Duquesa, dá um conselho a Markle, e, embora pareça depositar confiança na ideologia feminista de Markle, alerta para a necessidade de se cumprir a tradição. Parece, desde o início, que a ideia de ter uma mulher feminista na família pode ser um problema para a tradição patriarcal e que, para que Markle seja aceite não só pela família, mas pelo povo britânico, tem de ir ao encontro dos paradigmas reais.

A carreira de Meghan também foi um tema recorrente, mesmo já depois de estar casada e ter abandonado a série *Suits*:

What would the Queen say? Meghan Markle plays a bed-hopping, drug-taking party girl in a VERY racy TV movie she'd probably rather forget - Unity Blott, *MailOnline* (12/05/17)

Prince Harry's girlfriend played Dana in the show which lasted just one episode
Her character was a drugs-taking, bed-hopping party girl considering a boob job
Shortly after it first aired she landed the role of paralegal Rachel Zane in *Suits*

Este título leva o leitor a juntar a imagem de Markle e das personagens que representa, associando os seus comportamentos ao que se pode esperar de Markle – “bed-hopping” “drug-taking” “party girl”

– e a utilização da maiúscula em “VERY racy” demarcam aquilo que o autor quer que o leitor retenha. A questão “What would the Queen say?” transmite a desaprovação que a Rainha deveria sentir pela namorada do neto e a ideia de que ela é quem Markle deve impressionar. É um processo que pode ser mental, uma vez que assenta na opinião que a Rainha teria de Markle e, consequentemente, se refletiria na questão da afeição; mas também verbal, pois a questão foca mesmo no que diria Isabel II. Aqui pode haver dois atores: Markle que é a pessoa em questão que praticou os atos considerados menos dignos, sendo que o filme é o objetivo, e o autor que especula o que a Rainha diria.

É de destacar o próximo título, meses antes do casamento, que confirma a ideia de que Markle terá sido relativamente mais aceite pelo público por não ser tão escura quanto outros afro-americanos. Este artigo remete para a questão do colorismo e a premissa de que entre tonalidades de pele negra há mais ou menos discriminação. O facto de Markle se aproximar mais da cor de uma pessoa branca, leva a maior aceitação à sua pertença na Família Real, a um sentimento de conforto, o que comprova o racismo inculcado na sociedade britânica. Mesmo sendo mais clara, Markle não deixou de ser vítima de racismo, como revelado no primeiro artigo analisado neste capítulo:

'She's not as outwardly dark as some African Americans': Journalist claims British people are more 'comfortable' with Meghan Markle joining the royal family because of her light skin - Stephanie Linning, *MailOnline* (14/02/18)

American journalist Keli Goff, 38, appeared on Good Morning Britain today

She debated the issue of 'colourism' following comments by Matthew Knowles

Said data showed the public is more accepting of lighter-skinned black people

Claimed this is why Britain felt more 'comfortable' with Meghan Markle

Em conformidade com o descrito acima, após um conjunto de artigos publicados, 72 mulheres membros do Parlamento Britânico assinaram, em 2019, uma carta aberta mostrando apoio a Markle. Isto acontece depois de Harry ter vindo a público garantir que iria tomar medidas contra os jornais pelo tratamento dado à sua mulher, não querendo que lhe acontecesse o mesmo que à sua mãe Diana, constantemente perseguida pelos media: “Seventy-two female MPs sign an open letter BACKING Meghan Markle's stand against 'distasteful and misleading' media coverage and blasting 'outdated, colonial undertones' of some stories” por Terri-Ann Williams para *MailOnline* (29/10/2019).

3.2.Relações familiares

Desde 2016, a família de Markle é um foco de atenção por parte do *Daily Mail*, principalmente após a divulgação de uma carta que Markle mandou ao seu pai, Thomas Markle, assunto que provocou a abertura de uma ação judicial por parte de Markle, que processou o *Mail On Sunday*. Os Markle continuam a ser um tema recorrente até à data presente: problemática envolvendo os seus meios-irmãos, tios, e o seu pai, os comportamentos que têm, e o que dizem/os seus depoimentos, tudo isto serviu, ao longo dos anos, para julgar também as respostas de Markle ao drama familiar: por não convidar os meios-irmãos para o casamento; por cortar relações com uma parte da família; por deixar de falar com o pai, que, entretanto, teria sofrido um ataque cardíaco, ou, até, para a associar ao sogro, o Príncipe Carlos, utilizando essa análise como argumento para justificar alguma da simpatia que o agora Rei podia

ter por ela: “Meghan's dysfunctional family just makes Charles love her more. It's something they have in common... one of many tantalising secrets ANGELA LEVIN discovered when she spent a year following the Prince” por Angela Levin (3/11/18); “Have they turned their backs on the world... or just her family?": Samantha Markle snipes at Harry and Meghan over wedding snap in Christmas card” por Charlie Bayliss para *MailOnline* (15/12/18);

Meghan is 'playing a dangerous game' by cutting contact with her father and will receive NO public sympathy if something happens to Thomas Markle, royal biographer warns - Jessica Rach, *MailOnline* (19/12/18)

Unofficial royal biographer has claimed Meghan will regret feud with father Robert Jobson, author of Charles' biography, urged Duchess to make amends
Said she would regret cutting contact if something happened to Thomas, 74

Nestes três títulos, escolhidos pela sua proximidade temporal, o tema é o drama familiar de Markle. O primeiro aparenta ser mais positivo, uma vez que é, para a autora, um foco de compreensão entre Markle e Carlos, acabando por colocar Carlos mais na ribalta do que propriamente a primeira, não obstante apontar Markle como fazendo parte de uma família disfuncional, algo que se pode refletir no seu comportamento. O segundo dá atenção a Samantha Markle, uma personagem comum nos artigos e crónicas do *Daily Mail*, desta feita criticando a foto de Natal do casal. Colocar-se-ia Samantha como o ator, que através de uma interrogação que põe Markle em questão, pratica um processo verbal – Samantha “snipes”. O último faz transparecer um tom mais ameaçador, transmitindo que Markle se irá arrepender de não falar com o seu pai. Embora este seja um assunto pessoal, foi, efetivamente, escrutinado publicamente, e este é um dos títulos que o demonstra: “playing a dangerous game”; “NO sympathy”. O ator é Markle, que joga um jogo perigoso [processo comportamental], com o seu pai e com a sua fama [objetivo]. O título em si, lido na perspetiva de Robert Jobson, pode ser considerado como processo verbal, no qual o ator mostra ao objetivo (Markle) que ela pode vir a arrepender-se das suas ações.

Meghan's supposedly banned Harry from a traditional shoot, staff are leaving and it's claimed courtiers were aghast when this starry picture was (briefly) online. Now, RICHARD KAY asks... Duchess Difficult - or just defiantly different - Richard Kay, editor da Large. *The Daily Mail* (16/12/18 updated 17/12/18)

Meghan's appearances seem more flashy than other members of Royal Family
Two days after Fashion Awards show, Duchess of Cornwall posed with donkey
Photo from night was posted on Fashion Council's Instagram but quickly deleted
The Queen is said to be determined to 'not allow Meghan to feel unwelcome'

A VERY Dry January! Meghan has 'banned Prince Harry from drinking, alcohol, tea and coffee' in favour of water and is encouraging him to take more exercise say royal insiders - Dianne Apen-Sadler, *MailOnline* (01/01/19 updated 02/01/19)

Prince Harry gave up booze earlier this year out of sympathy for pregnant wife
Now the royal, 34, is on a health kick and has given up caffeine for mineral water
Friend said Duke of Sussex looks fitter, and change has been noticed by family

Meghan tem sido uma “Duquesa Difícil” ou apenas “desafiadora”, proibindo, supostamente, o seu marido de fazer determinadas ações, narrativa encontrada de novo no mês seguinte, a 1 de janeiro de 2019. A ideia de que Markle tem uma influência no Príncipe Harry foi-se tornando uma narrativa comum ao longo dos artigos desde 2018. Embora os subtítulos revelem que as mudanças não são propriamente

negativas “Friend said Duke of Sussex looks fitter”, a *headline* é dada como pejorativa através da utilização, em ambos os artigos, de verbos como “ban” e adjetivos como “Duchess Difficult”, que refletem a opinião geral sobre Meghan Markle. Através da metafunção interpessoal, Markle dá ordens a Harry; Markle “baniu” certos comportamentos do marido [modo imperativo]; Markle faz aparições fora do comum, sendo vista como “flashy”; enquanto a Duquesa de Cornwall, Camila, posa com um burro [modo indicativo]. No âmbito ideacional, Markle é o ator que aplica um processo material ao objetivo (Harry). A mudança é vista: Harry não participou na fotografia tradicional; Harry parece mais saudável – isto após ser “impedido” de agir de determinada forma. O mesmo se aplica ao primeiro título, Markle é o ator – a *Duchess Difficult* – cujas ações levam a que o *staff* abandone as suas funções, e isso reflete-se na alcunha que lhe é dada: ela é uma pessoa difícil, como tal os seus funcionários escolhem sair. Estes títulos são expositivos, mas persuasivos, uma vez que levam o leitor a assumir uma opinião menos positiva de Markle aquando da sua leitura.

3.3.Comparações

A comparação entre Markle e Wallis Simpson também foi comum, uma vez que, tal como Markle, Wallis era divorciada e norte-americana, tendo levado o Rei Edward VIII a abdicar do trono. Assumindo a reputação de Wallis Simpson na história inglesa, ser comparada com ela não é algo positivo, mas acabou por ser algo inevitável dadas as características: “Style snap! Meghan Markle and Wallis Simpson - two glamorous American divorcees who met their smitten princes when they were 34” por Frances Hardy para o *Daily Mail* (26/07/18).

A comparação também surgiu aquando dos rumores de que Kate Middleton e Meghan Markle ter-se-iam desentendido uma com a outra. Esse tema controverso deu espaço a várias opiniões no *Daily Mail*, e à ideia de uma competição permanente entre ambas, o que já acontecia desde 2017, mas que tomou outras proporções em 2018:

Does Kate and Meghan's 'rift' risk splitting apart William and Harry? Fears for brothers bonded by tragedy as they are split by newlyweds' move to Windsor - in echo of Wallis Simpson and Queen Mother row (01/12/18) - Richard Kay e Geoffrey Levy, *Daily Mail*

Harry and pregnant Meghan, 37, decided to move 25 miles from Kate and William
Happened after well-reported accumulation of incidents involving both wives
Their feud recalls that of the Duchess of Windsor and the Queen Mother

Os atores são Kate e Meghan que iriam “separar” (é um processo material não concluído, pois é apenas uma possibilidade) os irmãos (objetivo/atributo) devido às suas disputas. De acordo com este título, havendo incidentes que “envolvem as duas esposas”, Harry e a “pregnant Meghan” (cuja idade é sempre mencionada, como que para recordar que a sua gravidez é geriátrica) mudaram-se para uma casa a “25 miles” de Kate e William. Com estes pontos em consideração, o *Daily Mail* recordou a contenda antiga entre Wallis Simpson e a Rainha-Mãe (Isabel, mulher do Rei George VI, pais de Isabel II). Interpessoalmente, fala-se de duas Duquesas que não conseguem pôr os seus problemas de parte em prol dos seus maridos.

Is a culture clash to blame for the royal feud? Insiders claim Meghan's 'say it as you see it' mentality is behind clashes with aides and her reserved sister-in-law Kate - Chloe Morgan, *MailOnline* (21/12//18)
Markle, 37, is the first American to marry into the royal family since 1837
Insiders say that her forthright, ambitious nature creates headache for aides
Duchess of Cambridge, 36, is known for being more reserved
Meghan reportedly left staff in tears with demands and emails at 5am

Já neste título a culpa é posta exclusivamente em Markle, narrativa comum até aos dias de hoje. Aqui, a responsabilidade é colocada num “culture clash” devido às diferentes mentalidades das duas mulheres, dando ênfase ao facto de Markle ser estrangeira, *outsider*, “the first American royal (...) since 1837”, o que a distancia do resto da família. Críticas são feitas também em relação à sua personalidade – Markle terá uma mentalidade “say it as you see it”, enquanto a cunhada é mais reservada. Além de a sua personalidade criar confrontos com Kate, revela-se igualmente “uma dor de cabeça” para os ajudantes que deixou em lágrimas com “pedidos e emails às cinco da manhã”. Estas especulações servem para colocar a culpa de todas as rivalidades no carácter de Markle, persuadindo a opinião pública de que é ela que está errada por ser diferente de Kate, o que pode ter como base o facto de não serem originárias do mesmo sítio – “cultural clash”. O início do título encontra-se no modo interrogativo, uma vez que é colocada uma proposta de justificação para a “royal feud”. Os *insiders* – que não são identificados, nem atestam a sua veracidade – alegam – processo verbal – que a mentalidade de Markle está por detrás da quezília, servindo esta informação como uma atribuição de culpa. Embora não sejam utilizados modalizadores epistémicos, a modalidade está subentendida através da utilização de verbos como “claim” e “is” – não se trata de uma proposta, mas sim uma avaliação sobre o valor da verdade, que atestam como certa. Similarmente, o título seguinte também dá a Kate o papel de apaziguadora, a que quer “resolver as coisas em privado” após Markle ter desabafado num documentário sobre o que viria a sentir como membro da Família Real. Markle é a pessoa que causa problemas e não os tenta resolver, sendo muito criticada por falar em público e, alegadamente, não resolver os problemas em privado:

Kate Middleton 'is doing her best' to 'patch things up in private' with Meghan Markle after the Duchess admitted her struggles in ITV documentary, royal expert claims - Jessica Green, *MailOnline* (29/10/19)
The Duchess of Cambridge, 37, feels sorry for Meghan, 38, says Phil Dampier
Mother-of-three wants to 'patch things up in private', according to royal expert
Meghan said she was 'not OK' in the ITV's Meghan and Harry: An African Journey

Todavia, como confirmado neste título, Markle teria noção de que estaria a ser colocada contra Kate: “Meghan Markle is 'aware' she's being 'pitted against' future queen Kate Middleton and finds the situation 'challenging', source tells People magazine” (Richardson, *MailOnline*, 25/11/19).

Um dos títulos que mais controvérsia gerou surgiu de algo tão simples quanto um abacate. Quando Kate Middleton esteve grávida, em 2017, ofereceram um abacate a Príncipe William, com o objetivo de ajudar a diminuir os enjoos matinais da sua mulher, como pode ler-se:

A cure for her morning sickness? Prince William is given an AVOCADO for pregnant Kate by a concerned little boy during a visit to Liverpool - as he reveals his wife is 'doing well' - Rebecca English (Royal Correspondent), Bianca London e Unity Blott, *MailOnline* (14/09/17)

The Duke formally opened Urgent Care and Trauma Centre (UCAT) at Aintree University Hospital in Liverpool. The Duke met clinical staff and toured the emergency, major trauma, resuscitation and observation units

William paid a visit to the Guinea Gap Leisure Centre in Wallasey, Wirral, on Thursday. Watched children showcasing Swim England's Learn to Swim programme and watched water polo session. William and Kate announced last week they were expecting their third child. She was forced to pull out of planned public engagements due to severe morning sickness. Prince George has returned to school today after a suspected stalker was arrested close to the gates. Woman detained by undercover police yards from Thomas's London Day School in Battersea, south London. Teachers were on red alert after same woman talked her way into building posing as visitor 24 hours earlier

Os subtítulos começam com o contexto no qual William recebeu o abacate para a mulher, passando, depois, a explicar que teriam anunciado a gravidez na semana anterior e que os enjos matinais a teriam forçado a suspender os seus eventos públicos. Após esta contextualização, o assunto muda para o Príncipe George e o facto de ter voltado para a escola após uma perseguidora ter sido presa, não estando em concordância com o título, mas relacionando-se com os atores principais (Kate e William). Voltando ao título, está-se perante um processo material, visto que uma criança (ator) ofereceu o abacate a William, preocupado com a saúde de Kate, dizendo que a fruta iria ajudar na cura dos enjoos. Efetivamente, não há informação sobre se o abacate foi, de facto, entregue à sua destinatária final, mas a ação foi concluída com a receção de William. Não há qualquer juízo de valor em relação ao acontecimento, e os autores, embora se questionem, relatam apenas os factos, utilizando até termos relativamente carinhosos como “concerned little boy”. Quanto à metafunção interpessoal, é o menino que se “impõe” a William, oferecendo a sua ajuda, mesmo com William revelando que a sua esposa está a sentir-se bem.

Quando o mesmo fruto é relacionado com Markle, o discurso torna-se completamente diferente: “How Meghan's favourite avocado snack - beloved of all millennials - is fuelling human rights abuses, drought and murder” por Tom Leonard (Nova Iorque) para *The Daily Mail* (22/01/19). Como pode ser analisado de forma preliminar, o facto de Markle gostar de ou comer abacate não foi visto da mesma forma como quando Kate foi encorajada a experimentar. O snack favorito de Markle, e do resto da geração de *millennials*, de acordo com este artigo do *Daily Mail*, não é apenas um alimento, mas sim o combustível para abuso de direitos humanos, seca e homicídio. A discussão da problemática de que o abacate e o seu consumo excessivo podem ser nocivos para a natureza e para os direitos humanos já existe desde, pelo menos, 2016, ano em que o jornal *The Guardian* (que não funciona como prova científica, mas permite datar o debate) escreveu um artigo com o título *Rising avocado prices fuelling illegal deforestation in Mexico*, explicando os problemas éticos da sua produção. Esta informação é importante, pois isto significa que em 2017, aquando do artigo escrito sobre Kate e o abacate, estas questões já eram conhecidas e discutidas.

No entanto, isso não levou a que William, ao aceitar o presente do menino, fosse conectado com todos os crimes citados no título acima. Para melhor entendimento do rumo que este artigo tomou, explique-se o argumento utilizado por Tom Leonard pela ligação. O argumento é o de que a Duquesa,

que teria sido vangloriada por trazer à Família Real atenção ética e social, adoraria abacates, que por sua vez causariam os problemas acima descritos. Outras celebridades são citadas, mas isso não impede que o foco principal seja Markle. Discorre, depois, sobre toda questão ética dos abacates, sobre os países envolvidos, misturando fotos de um prato que a Duquesa teria servido ao seu amigo Daniel Martin no Palácio de Kensington, com a de um militar, utilizando a legenda: “But, the fruit, which is described as Green Gold has been caught up in violent gang warfare with rival groups trying to exploit the healthy snack”.

Porque é que a mesma temática, embora em contextos diferentes, traz uma prática discursiva tão diferente? Poderia incluir-se este título no ciclo de impopularidade que Markle estava a sofrer nesta altura, com as acusações de que teria separado Harry de William, que não se daria bem com a família, rumores já iniciados em 2018, que foram evoluindo, e que não cessaram mesmo com a sua saída da Família Real em 2020. Este título assemelha-se a um já analisado neste trabalho, que chamava Markle de “straight outta Compton”, associando-a à criminalidade do bairro por ser uma mulher birracial com uma mãe negra. Neste caso, está-se perante um processo material, em que o ator, Markle, gostando de abacate, providencia os crimes horríficos que são salientados. Consequentemente, os *millenials*, enquanto grupo, também poderiam ser considerados o ator desta ação, inserindo-se, nele, Markle. Não obstante, tendo em conta a afirmação tão direta – visto que se fala do *snack* favorito dela acima de tudo, é mais plausível considerar-se Markle o ator da oração. Interpessoalmente, o modo deste título é indicativo, Leonard, o autor, faz a constatação do que ele considera um facto, explicando como é que o *snack* favorito de Markle está ligado aos referidos problemas, não se questionando, mas afirmando-o.

Markle viu-se também muito comparada com Diana. O peso de Diana na cultura e realza britânicas é incontornável e ser-se comparado com ela pode trazer quer benefícios, quer desvantagens. No início do relacionamento com Harry, Markle sublinhou logo a admiração que tinha pela sogra, tendo sido feitos vários paralelismos:

From Hollywood to Royal Highness: Diana's biographer tells how Meghan Markle sees Harry's mother as a role model in new book that reveals the bride-to-be dumped her ex-husband by POST and mailed back the rings (01/04/18 *updated* 02/04/18) - Sebastian Murphy-Bates, *MailOnline*
Biography claims producer Trevor Engleson is still furious after being dumped

Este título acaba por ter dois temas distintos, primeiro a admiração de Markle pela falecida futura sogra e, segundo, o facto de ter terminado o casamento com o ex-marido por carta, o que terá motivado uma situação de fúria irresolvida por parte daquele. A relação entre ambas as temáticas provém de um livro escrito pelo biógrafo de Diana, em que estabelece um paralelismo entre um facto e outro: no mesmo livro em que se exalta a ideia de Markle ver Diana como um exemplo, revela-se o seu “mau carácter” por ter acabado com o seu *ex* daquela maneira. Analisa-se este título sobre o processo mental que condiciona o leitor a crer que talvez Diana não tenha sido um modelo tão adequado, visto que Markle, que a admira e tenta agir como ela, se comportou da maneira descrita para com o seu ex-marido.

Walking in Diana's footsteps: A chic Meghan attends her first evening event at the same venue where Diana made her evening debut - a night that left shy Di scarred for years - Sarah Rainey e Rebecca English, *The Daily Mail* (01/02/18 updated 28/02/18)

Meghan Markle attended her first evening event as a royal-to-be last night
Thirty-seven years on, Diana's son Prince Harry and Diana were at same venue
But Diana did not enjoy the black-tie event and was embarrassed by her outfit

Quando Markle foi ao seu primeiro evento, este acabou por ser no mesmo sítio do também primeiro evento de Diana. Note-se a utilização dos adjetivos: Meghan é “chic” e Diana é “shy”. As autoras afirmam que a noite deixou Diana “marcada durante anos” porque não gostou da formalidade do evento, nem da sua roupa. A pertinência desta informação é questionada, pois nada leva a crer que Markle terá o mesmo destino, mas é quase que esperado que isso vá acontecer dadas as suas semelhanças (processo material, uma vez que, efetivamente, Markle irá comparecer no evento). No entanto, este título não acarreta, propriamente, um significado negativo, mas apenas uma constatação de factos, sendo que a própria qualidade apontada a Markle pode não ser lida como pejorativa. Assumindo outros títulos mais tardios, no entanto, poderá ver-se que a “chiqueza” e a “celebridade” – principalmente esta última - de Markle acabam por ser também formas de crítica.

Não obstante, outros títulos foram bastante frontais quanto à ideia de que Markle nunca poderia ser como Diana, mesmo apesar de ter granjeado popularidade, pelo menos inicialmente, devido ao facto de ser vista como podendo revolucionar a Monarquia Britânica:

'There is only one Diana and sadly, she has passed': Andrew Morton claims Meghan Markle will never become the 'People's Princess' despite her charm and popularity - Monique Friedlander (Australia), *Daily Mail Australia* (28/02/18)

Meghan cried with her friends as they watched Diana Spencer's funeral on TV. She is said to have described Donald Trump as 'super creepy' after they met

Através desta afirmação, Andrew Morton utilizou um processo verbal para comunicar a sua opinião sobre Markle, principalmente através da citação apresentada pelo *Daily Mail*, que serviu de base para outras ilações – como outros temas que não tinham propriamente relação, tais como Markle ter chorado no funeral de Diana, ou o facto de ter descrito Trump como “super creepy”. Neste caso, a comparação não é positiva, uma vez que Andrew assume que Markle nunca será como a falecida futura sogra, independentemente dos seus esforços ou da sua admiração por ela.

3.4.Gravidez

A gravidez foi um tópico bastante comum não só na representação mediática de Markle, como também de Kate, como já apontado anteriormente. Como o foco é Markle, serão mostrados mais títulos que lhe concernem. A gravidez é um tópico muito importante, principalmente devido à ideia de que a mulher tem, na Monarquia, a função de garantir linhagem. Embora as feministas tentassem alterar a ideia de que as capacidades reprodutivas da mulher são o seu destino (Carter, 1979, como citado em Clancy & Yelin, 2021), tal continua inscrito no papel das mulheres da realeza, pois são vistas como responsáveis pela produção de um herdeiro que mantenha o poder institucional. Os parâmetros da maternidade são efetivamente muito rígidos na Monarquia Britânica, fundamentando-se na ideia de que os corpos das

mulheres devem funcionar como máquinas biológicas para produzir herdeiros e reproduzir o poder hereditário (Clancy *et al.*, 2018, como citado em Pramaggiore & Kerrigan, 2021).

Assim, a hierarquia sexual é fundamental para o tratamento de mulheres que entram na própria instituição. As normas da feminilidade real são especificamente tradicionalistas, sendo que tanto Kate Middleton como Diana Spencer foram sujeitas a discursos conservadores de feminilidade e respeitabilidade maternal (Allen, *et al.*, 2015; Shome, 2014, como citado em Clancy & Yelin, 2021), mesmo que ambas, tal como Markle, representassem uma Monarquia “modernizada” através do seu background “não-real” (Repo 6 Yrjola, 2015, como citado em Clancy & Yelin, 2021).

A cobertura mediática da gravidez de Markle contou com o discurso de família em conflito, sugerindo a ilegitimidade de Markle no momento em que esta estava a produzir um herdeiro (Pramaggiore & Kerrigan, 2021). Com isto, surgiu a comparação entre Markle e Middleton no que toca à maternidade e à forma como os estilos de parentalidade norte-americano e britânico diferem (Walden, 2019, como citado em Pramaggiore & Kerrigan, 2021). A nacionalidade tornou-se na base para distinção valorativa e comparativa entre as Duquesas para se avaliar a sua aptidão como mães. Enquanto as narrativas mediáticas da gravidez da Duquesa de Sussex fizeram de Middleton uma mãe e membro da família exemplar (“idealized maternal citizen” que criaria um “idealized future citizen” (Lagerwey 2017, como citado em Pramaggiore & Kerrigan, 2021), o seu sucesso tornou-se num padrão inalcançável para Markle. Em contraste, Markle é recordada pelas suas identidades birracial e de celebridade, o seu feminismo político e a sua americanidade.

Quando Markle anunciou a sua gravidez, depressa foi caracterizada como uma “mãe velha”, que teria uma gravidez geriátrica. Medicamente, esta não é uma afirmação errada, mas neste caso funcionaria mais para colocar Markle nos holofotes como a Duquesa que engravidou tarde:

Meghan Markle is having a 'geriatric pregnancy': Duchess of Sussex's age of 37 means she will be treated as 'an older mother' (so, which other Royals gave birth over 35?) - Stephan Matthews, Assistant Health Editor, *MailOnline* (15/10/18)

The term has been used to describe a pregnant woman over the age of 35. However, it is not widely used anymore because many find it 'insulting'. Meghan is in 'good health' and has already had a successful 12-week scan. The Queen was also 37 when she gave birth to her fourth child, Edward

Não obstante haver mais mulheres na Família Real, inclusive a Rainha, que tiveram filhos numa idade mais tardia, isso não impediu Stephan Matthews de escrever uma *headline* como que a preparar terreno para dar outros exemplos de “other Royals” que tiveram filhos acima dos 35 anos. O interessante neste excerto é que descreve o termo “gravidez geriátrica” como caído em desuso, uma vez que muitos o consideram “insultuoso”; no entanto, apesar desta consideração, continua a ser aplicado a Markle. O processo em si é relacional: sendo Markle (portador) mais velha (atributo) terá uma gravidez geriátrica.

Tendo em conta a nacionalidade norte-americana de Markle, os media demonstraram preocupação com a nacionalidade do futuro bebé, conforme poderá ler-se no título seguinte, publicado após o anúncio da gravidez:

Will Harry and Meghan's child be the first AMERICAN royal baby? California-born Meghan can apply for US citizenship for the new arrival - as long as she retains her own passport - Siofra Brennan, *Mail Online* (15/10/18)

The Duchess of Sussex is expecting her first child, it was announced today
Meghan is set to become a British citizen, but could retain US citizenship
This means she's entitled to apply for a US passport for her future child
Meets requirement as she lived in US for five years, including two after age of 14

O artigo começa com uma questão, colocando-se a ênfase no “AMERICAN” em maiúsculas. Caso o futuro bebé dos Duques de Sussex obtivesse a dupla nacionalidade, seria o primeiro bebé real norte-americano. O título refere-se a Markle como “California-born Meghan”, explicando aos leitores quer as questões legais relativas à nacionalidade, quer o impacto no futuro bebé da decisão de Markle no sentido de manter ou não o seu próprio passaporte. A segunda linha do subtítulo explicita que apesar de Meghan tencionar tornar-se cidadã britânica, pode reter o seu passaporte, resultando na possibilidade de dupla cidadania da sua criança, visto que reúne todos os requisitos para o fazer. Esta discussão é fora do comum e da tradição, servindo para destacar Markle como uma espécie de *outsider* não-britânica, alguém que não pertence completamente à nação (e, subentende-se, à Monarquia), cujo bebé poderá ser o primeiro na mesma condição, isto é, não 100% britânico. Situações como esta, e como as que refletiam sobre a etnia da criança, foram levantadas não só ao longo da gravidez de Markle como também depois, revelando-se um problema principalmente para os grupos mais conservadores e tradicionalistas. Este é um título que não apresenta, à primeira vista, juízos de valor e que se limita a estabelecer os factos legais que concernem a nova chegada real, situando-se no modo indicativo à exceção da primeira questão. No entanto, tendo em conta a forma como o texto foi escrito, pode consistir num ponto de partida para discussões mais abrangentes, dando palco a grupos mais tradicionalistas de expressarem as suas opiniões contrárias, como se irá ver mais à frente.

Relativamente a este assunto, foram feitos mais títulos, principalmente discutindo a ideia de que o futuro bebé teria de pagar impostos nos Estados Unidos da América:

REVEALED: Meghan Markle AND her royal baby will be liable for US taxes because the seventh in the line for the British throne will be a dual-citizen - Leah Simpson, *Dailymail.com* (10/04/19)

Prince Harry's royal baby will be liable for American taxes until it's at least 18
Meghan Markle is US citizen so child would have to wait to renounce citizenship
Foreign financial accounts associated seventh in line to throne must be declared
Internal Revenue Service can know about non-earned income over \$2,100

Destaque-se a ideia de que a criança terá de esperar para renunciar a sua cidadania norte-americana, como se fosse um dado garantido que o “sétimo na linha para o trono britânico” não quisesse beneficiar da sua dupla-cidadania. Não só Meghan Markle como também o seu filho estão sujeitos a pagar os impostos norte-americanos. O facto de ele vir a ter de pagar impostos pode ser traduzir-se num processo existencial, uma vez que é um dado que decorre da sua própria existência: sendo a sua mãe norte-americana, mesmo beneficiando da cidadania britânica, o bebé sê-lo-á também, e, conseqüentemente, terá de seguir as regras legais e financeiras do país da mãe. Foi explicado, em alguns outros artigos, que, embora a criança não fosse a primeira da Família Real com dupla-nacionalidade, seria a primeira num posto tão “alto” (sétimo na linha de sucessão na altura) com essa característica. Lendo nas entrelinhas,

é provável que isto se tornasse um problema, tivesse o casal continuado como membro sénior da Família, uma vez que os tradicionalistas se focam bastante na “pureza” dos constituintes da Monarquia e na idealização da nacionalidade britânica. Não obstante, isto é apenas uma suposição, uma vez que a sua estada a longo prazo não se concretizou. Archie, ainda antes do seu nascimento, foi destacado como sendo diferente de todos os seus familiares diretos.

Todavia, houve artigos que encararam a anterior informação como positiva, indicando que poderia ser uma forma de modernizar a Monarquia, uma vez que os pais quereriam que o filho fosse um “global citizen” (*Daily Mail*, 2019). Este tema foi muito focado tanto durante a gravidez de Archie como de Lilibet, a segunda filha do casal, nascida já após a separação oficial de Harry e Markle da Família Real, que recebeu uma atenção semelhante quanto à questão da dupla-nacionalidade que lhe é inata [cf. Will Meghan Markle and Prince Harry's daughter be British or American? Lilibet ‘Lili’ Diana Mountbatten-Windsor is likely to possess dual citizenship like big brother Archie (Richardson, *MailOnline*, 07/06/21)].

Markle continuou a cumprir a sua agenda após o anúncio da gravidez. Contudo, após uma série de episódios ocorridos no itinerário real, Markle acabou por faltar para descansar, decisão que foi acompanhada por críticas de *trolls* (de acordo com o *Mail Online*):

‘She’s only pregnant – not ill!’: Fury as trolls slam pregnant Meghan for needing a well-deserved rest during her gruelling royal tour - Rod Ardehali, *MailOnline* (21/10/18)

Meghan Markle unexpectedly skipped her royal engagement with Harry today
The Duchess, who is three or four months pregnant, had an exhausting few days
She will also miss tomorrow's engagements amid a gruelling tour of Australia
Social media was divided with some suggesting she was looking 'for sympathy'

Este título pode não ser considerado pejorativo por parte do jornal, uma vez que vem acompanhado de expressões como “well-deserved rest”, “gruelling royal tour” e “exhausting few days” que validam a decisão de Markle, mesmo que inesperada, de faltar a alguns dos eventos de uma *tour* real que se demonstrou cansativa. Apesar disso, o foco principal da notícia é a opinião de algumas pessoas nas redes sociais que consideram que estando Markle “grávida e não doente”, não tem justificação para não comparecer a determinados eventos que constituem parte do seu trabalho, havendo uma divisão entre aqueles que compreendem a sua escolha e os que pensam que ela está apenas “a procurar simpatia”, situação que causou fúria. Isto vem confirmar a existência de público que constantemente criticava Markle, principalmente através das redes sociais, mesmo por decisões que poderiam não ser consideradas as mais relevantes para a prossecução estável do itinerário previsto. Neste caso, os atores são os “trolls” que realizam um processo verbal através das redes sociais, tendo Markle como objetivo. Serem designados como *trolls* foi uma escolha do autor e pode refletir uma postura crítica, contribuindo para a formação de determinada opinião no leitor.

Há uma diversidade de títulos que, tecendo comparações entre Kate e Meghan, suscitaram a polémica por parte dos leitores. A imprensa subjugou a gravidez de Markle a um escrutínio disciplinar através de narrativas de patologia e ilegitimidade, ao contrário do que fez quando das gravidezes de

Middleton: “illegitimacy is laden with inferred meaning: incorrect, untitled, and unentitled” (Pietsch 2002, p. 89, como citado em Pramaggiore & Kerrigan, 2021). A cobertura, por parte dos tabloides (não só no *Daily Mail*, como também noutros como o *The Sun*), da forma como Middleton e Markle trataram as respetivas barrigas de grávida, também foi extremamente diferente. Tome-se, a título de exemplo, a referência a Markle grávida como “baby bump Barbie” (*The Sun*, 2019), como se a sua gravidez fosse essencialmente performativa:

Not long to go! Pregnant Kate tenderly cradles her baby bump while wrapping up her royal duties ahead of maternity leave - and William confirms she's due 'any minute now' (21/03/18 updated 22/03/18) - Siofra Brennan, *MailOnline* e Rebecca English, correspondente real para o *The Daily Mail*

Pregnant Duchess is attending symposium at Royal Society of Medicine in London
Event will discuss early intervention to support child mental health. Kate, 36, is due to give birth to her third child next month. Is set to complete celebratory Commonwealth engagements with William tomorrow

Este título demonstra respeito e carinho por Kate através do uso de adjetivos como “tenderly” e verbos como “cradles”, deixando transparecer admiração pelo facto de estar ainda a cumprir a sua agenda mesmo tão perto do nascimento da criança (ex. “ahead of maternity leave”); “not long to go”, algo confirmado por William que diz que a criança pode nascer “any minute now”). Neste caso, o ator é a Pregnant Kate que “tenderly cradles her baby bump”, realizando um processo comportamental que demonstra a preocupação maternal para com o seu bebé por nascer, e o ato de “cradle”, algo que é inato, supostamente, a uma mãe e ao seu filho, enquanto cumpre o seu dever enquanto membro da Família Real, desta feita a presença num evento que discute o apoio à saúde mental de crianças, o que se adequa ao papel de Kate enquanto mãe. A informação foca também de que se trata do terceiro filho – dada a estrutura patriarcal da Monarquia, Kate está a cumprir o seu dever feminino não só através da sua agenda de eventos, como também por garantir descendência não uma, mas já três vezes, principalmente tendo em conta que é mulher daquele que, futuramente, será o Chefe de Estado, o Rei. O próprio *Daily Mail* pratica um processo mental de afeição, pois a forma como descreve Kate permite ao leitor ficar com uma ideia bastante positiva e afetuosa da Duquesa. Como os leitores são sujeitos indiretos, não há forma de garantir que a tentativa de mobilizar o afeto pela Duquesa foi bem-sucedida, mas Kate costuma ser acarinhada tanto pelos media como pelo público.

Em relação à mesma temática, após presença pública em janeiro de 2019, foi escrita a seguinte notícia sobre Markle:

Why can't Meghan Markle keep her hands off her bump? Experts tackle the question that has got the nation talking: Is it pride, vanity, acting - or a new age bonding technique? - *Mail on Sunday* Reporter (26/01/19 updated 28/01/19)

Meghan cradling her baby bump is a subject that has got the nation talking
From a double hand clasp to handbag shield we identify different types of holds
Experts were asked to explain why they think she does it so often in public

O tom desta notícia, à primeira vista, é diferente do anterior. Começa com uma pergunta que demonstra a ideia de intertextualidade de solicitação de informação. Conquanto, como pode ser visto a seguir, a questão é apenas uma forma de introduzir a opinião de “especialistas” que se debruçaram sobre um assunto que, de acordo com o repórter, deixou toda a nação a falar.

Após isto, há outra solicitação que propõe opções: será orgulho, vaidade, performance, ou “uma técnica de ligação *new age*”? Note-se que, no caso de Kate, a nação não falou do assunto, inclusive, o jornal utilizou um verbo atencioso “tenderly cradle” e nunca se questionou a razão de ser do gesto, assumindo-se apenas que era carinho maternal e instinto de proteção. No caso de Markle, embora também utilizem o mesmo verbo, essa opção não é colocada, sendo a conotação dada diferente consoante o interlocutor, que é quem lhe atribui o peso (metafunção intertextual). Neste contexto, mesmo o que poderia ser considerado orgulho (“pride”) de futura mãe pode ser interpretado como problemático, quase como pecado moral, uma vez que se encontra na mesma frase que “vanity, acting – or a *new age* bonding technique”. A ação que Markle realiza, em si, constitui num processo comportamental, uma vez que também se tornou hábito e é a razão pela qual a *headline* está a ser escrita. Não obstante, visto tratar-se de um artigo que foca a opinião de especialistas, também se está perante um processo verbal, uma vez que serão as suas análises a responder, assume-se, às questões que toda a nação – e não apenas uma ou duas pessoas – têm colocado. Consequentemente, o artigo propõe-se a identificar “different types of holds”, como que a aproveitar o sensacionalismo do título para passar informação aos leitores sobre um aspeto específico da maternidade.

O facto de Meghan embalar tantas vezes a sua barriga em público suscitou tantas questões por parte do público que a acompanha, que levou a que o *Mail On Sunday* chegasse mesmo a trazer especialistas para comentar aquilo que se achava constituir um problema. Kate, carinhosamente referida como “Pregnant Kate”, e não como Catherine, é contrastada com a estranha Meghan Markle – que é comumente tratada pelos seus primeiro e último nome, como se não pertencesse à Família Real da mesma forma que a futura Rainha do país, como se não fizesse parte do povo britânico da mesma forma, mesmo tendo casado nas mesmas condições. No caso de Markle, ela tem contra si o facto de ser birracial, divorciada, norte-americana e ex-atriz, razões pelas quais ela pode ser vista como não estando realmente dentro da família. Trata-se, efetivamente, de uma suposição, mas ao longo da análise dos títulos o tratamento tem sido comum – como se ela não pertencesse realmente àquele ambiente.

Também a questão feminista foi realçada por parte da imprensa tabloide a respeito de Markle. A par do escrutínio de Markle, surgiu a suspeita de que estaria pronta a derrubar o protocolo real devido às suas ideias feministas:

Meghan WON'T pose for an 'on the steps' moment after leaving hospital with Baby Sussex because it doesn't fit with her 'feminist world view', royal commentators claim - Claire Toureille, *MailOnline* (03/04/19 updated 04/04/19)

Podcasters Omid Scobie Emily Andrews claim Meghan won't pose with baby
Say Meghan, 37, might not even give birth at Lindo Wing, unlike Kate and Diana
Scobie claims picture-perfect photos after birth don't match Meghan's beliefs

Dissecando este título, pode destacar-se o uso das maiúsculas para realçar o verbo “WON’T”, que sublinha a ideia generalizada de que Meghan não irá posar nos degraus aquando da saída do hospital após dar à luz o seu bebé, de acordo com os comentadores reais. A razão invocada pelos mesmos é a de que tal ação não é concordante com a sua visão feminista do mundo. Relembremos que Markle terá sido a primeira a autoproclamar-se como feminista e durante o seu curto período de permanência na Família

Real tentou enveredar por projetos que trouxessem visibilidade aos problemas femininos, assunto que será focado mais tarde. Esta ideia não confirmada vai ao encontro da metafunção intertextual que reflete a opinião dos *podcasters* Omid Scobie e Emily Andrews sobre um acontecimento que ainda não só não se cumprira, como não havia confirmação de que viria a suceder-se. Assim sendo, dá-se um ataque às visões feministas de Markle, uma vez que vão contra a tradição estabelecida pela Monarquia e, consequentemente, contra aquilo a que o povo britânico está habituado. Isto, involuntariamente, pode levar a que os autores estejam a cumprir um processo mental (afeição) ao conduzirem o leitor no sentido de formar uma opinião que pode não ser positiva quanto a Markle e aos seus futuros comportamentos.

Os mesmos comentadores continuam a sugerir que Meghan poderá “nem sequer” dar à luz no Hospital Lindo Wing, ao contrário de Kate e Diana, o que, mesmo sem certezas de tal afirmação, demarca a diferença entre Markle e as outras duas. O processo, que coloca Markle como ator, insinua um processo comportamental, que embora não tenha ainda acontecido estaria para próximo, segundo os comentadores. Na última frase do subtítulo, “Scobie claims picture-perfect photos after birth don't match Meghan's beliefs”, a opinião parece alterar-se um pouco, uma vez que é utilizada a expressão “picture-perfect photo”, que, numa primeira leitura, parece ser uma crítica à ideia de *performance* – uma fotografia que é perfeita porque foi planeada para o ser e não por refletir a realidade. O facto de Scobie alegar que isso não vai ao encontro dos ideais de Markle, pode entender-se como elogio ao facto de a Duquesa não querer fingir, ou não querer criar uma ideia ilusória tanto de si própria como da maternidade, o que estaria, sim, em sintonia com as opiniões de uma autoproclamada feminista. Não obstante, como já mencionado, a ideia de que Markle estaria a “trair” ou a “romper” com a tradição pode influenciar negativamente a opinião dos leitores mais conservadores.

Ainda sobre a questão do parto, pode ler-se o seguinte:

Meghan Markle 'snubs the Queen's doctors for her birth because she doesn't want "men in suits" delivering her baby' - Charlotte Wace e Valerie Elliot, *Mail on Sunday* (06/04/19 updated 07/04/19)
Duchess of Sussex has appointed her own delivery team led by a female doctor
According to protocol, the Queen's doctors cannot be completely excluded
She has snubbed Royal Household gynaecologists Alan Farthing and Guy Thorpe-Beeston
as her main physicians

Não há tanto uma suposição, mas a declaração de que Markle terá escolhido a sua própria equipa de obstetrícia, encabeçada por uma mulher. Embora a forma como essa informação é transmitida não contenha juízo de valor, o mesmo não se pode dizer quanto ao título, confirmado através de expressões como “snubs the Queen’s doctors” e “doesn’t want ‘men in suits’ delivering her baby”. Uma escolha de Markle em relação ao seu bem-estar enquanto mãe foi posta em causa devido ao protocolo que impõe que os médicos da Rainha não possam ser completamente excluídos. Não sendo eles os principais ginecologistas de Markle, os autores deste artigo consideram que ela não só está a quebrar protocolo, como também está a pôr em causa a capacidade dos médicos da Rainha (“She has snubbed Royal Household gynaecologists”), dando mais razões aos tradicionalistas para ficarem desagradados com a nova Duquesa. O processo é material, uma vez que a ação teve reação e a mudança foi confirmada: Meghan Markle escolheu não ser acompanhada pelos doutores da Rainha, consequentemente isso criou

polémica. A alusão ao “men in suits” pode considerar-se uma forma de criticar um ‘feminismo’ algo simplista de Markle, que ignora a suposta competência destes médicos por serem “homens de fato”, os quais não a fariam sentir-se confortável.

Antes de continuar a análise do título anterior, é importante ressaltar o seguinte artigo, escrito por Mia de Graaf, *Health Editor* em Nashville para o *Dailymail.com* (05/05/19 updated 06/05/19), que reflete sobre as decisões da Duquesa e a violência obstétrica, principalmente contra mulheres negras no Reino Unido:

World's top obstetricians laugh about Meghan Markle's home birth plan at global summit - but others say the duchess is right to confront dangers of childbirth for black women in the UK

The world's top obstetricians and gynaecologists gathered in Nashville this weekend. Meghan Markle's rumoured plan for a home birth sparked fiery debates. The UK recommends home births for low-risk pregnancies, the US does not. Many top obstetricians laughed about the idea of a doula helping deliver the royal baby. But some warned that Meghan's alternative birth plans shine a light on the issues with hospital-delivered births. The racial gap is bigger in the UK despite all the attention on America's maternal mortality rate. Black women are five times more likely to die in childbirth in the UK, and three times more likely in the US. One top obstetrician said Meghan Markle is following in Serena Williams' footsteps by forcing conversations on childbirth dangers

Este título propõe duas perspectivas: os que se riram das decisões de Markle, desta fazer o parto em casa, e os que consideram que a Duquesa tomou uma atitude certa, pois está a chamar a atenção para os perigos resultantes da violência obstétrica de que são vítimas as mulheres negras no Reino Unido. Dissecando esta notícia, pode inferir-se um modo declarativo, não solicitando informação, mas sim dando-a, trazendo possíveis esclarecimentos quanto às polémicas decisões de Markle. A ideia de que o feminismo de Markle está a trazer a violência do parto para a agenda mediática, mesmo que de forma indireta, simultaneamente permite estabelecer ligação com o racismo estrutural que afeta umas mulheres mais do que outras e que está presente em diversas instituições, como na saúde, no Reino Unido. Este artigo utiliza os rumores relacionados com Markle para elucidar os leitores quanto a um problema persistente, através de afirmações como: “The racial gap is bigger in the UK despite all the attention on America's maternal mortality rate e Black women are five times more likely to die in childbirth in the UK, and three times more likely in the US”. A simples existência de Markle como mulher birracial residente no Reino Unido inclui-a nestas estatísticas e pode levar o leitor a entender as suas razões, mesmo que a polémica esteja assente em rumores e não confirmações. Todavia, é um assunto que levou a que os melhores obstetras do mundo ridicularizassem Markle, o que pode levar a uma divisão de opinião entre os leitores, mesmo que sejam apresentadas estatísticas relevantes quanto ao problema.

Destarte, voltando ao título anterior que critica a decisão de Markle de escolher a própria equipa de ginecologistas, mesmo não excluindo totalmente os da Rainha por conta do protocolo, poderiam entender-se as razões que a levaram a tomar essas decisões. Sendo o nascimento de um filho um momento em que a mãe, acima de tudo, se deve sentir confortável e segura, e tendo em consideração os dados apresentados na notícia seguinte, compreender-se-ia a sua ideia, não obstante a criação de polémica e a quebra de protocolo. O facto de, no meio de tantos outros títulos que não se demonstraram

tão elucidativos, ter havido um artigo que foi escrito com a preocupação de dissipar tradicionalismos e conservadorismos, atentando à realidade da mulher negra no Reino Unido, comprova que mesmo que maioria dos rótulos dados a Markle não sejam os mais positivos, houve uma tentativa de educar os leitores face a uma matéria que vai muito além do sensacionalismo, em consequência direta das ações de uma mulher autoproclamada como feminista.

Outro foco dos jornalistas foi a segurança de Markle, mais propriamente a segurança do bebê que carregava, tendo em conta a sua importância para o Reino Unido. Assim que a sua gravidez foi anunciada, muitos foram os artigos que questionavam as ações de Markle, quase como se ela não estivesse capacitada o suficiente para fazer decisões que protegessem o seu futuro filho e a sua legitimidade enquanto mãe: “Is it safe to fly while pregnant? Meghan Markle's long-haul flight to Sydney carries the risk of deep vein thrombosis as we reveal when expectant women should NOT get on a plane” por Stephen Matthews, assistant health editor, *MailOnline* (15/10/18);

Meghan Markle WILL still visit Tonga and Fiji on royal tour despite Zika virus risk to pregnant women - Mark Duell e Stephen Matthews, *MailOnline* (15/10/18 updated 16/10/18)

Travel advice says pregnant women should consider not going to Fiji or Tonga. People face a 'moderate risk' of catching tropical disease in both countries but couple sought medical advice and decided to continue with their plans, Zika can endanger unborn babies and there was an outbreak in Brazil in 2016

As Meghan Markle is still towering in heels just weeks from the birth of her baby, experts ask: 'Is this the height of chic - or a step too far?' - Beth Hale e Claire Cisotti, *The Daily Mail* (12/03/19 updated 13/03/19)

Meghan, 37, is in her third trimester and is still opting for 4.1inch heels in public. When asked how she was coping with heels, she quipped: 'One day at a time'. Some doctors warn against pregnant women wearing high heels in case of a fall

A mesma Meghan que foi julgada por descansar no meio de uma digressão cansativa, também foi alvo de críticas por prosseguir com a sua agenda. Questões sobre se devia andar de avião, uma vez que há risco de causar trombose em mulheres grávidas; sobre se devia prosseguir com a *tour* real ao Tonga e às Fiji, devido à presença do vírus da Zika e ao risco moderado de apanhar doenças tropicais em ambos os países, mesmo depois de o casal, aconselhado por médicos, ter decidido continuar com os seus planos; sobre se Markle devia continuar a andar de saltos, semanas antes do nascimento do seu bebê, indo mais longe ao perguntar se é “the height of chic – or a step too far”, entre outras, encheram o Universo *Daily Mail*, como que, concomitantemente, questionando a legitimidade e a responsabilidade da Duquesa para a maternidade, o que vai ao encontro do descrito anteriormente por Pramaggiore e Kerrigan (2021). Deste modo, é possível determinar que o tema alude sempre a Markle e aos seus comportamentos – considerados pouco responsáveis – durante a gravidez. Os argumentos dos jornalistas são corroborados sempre por especialistas, seja de saúde como de viagem, dando-lhes legitimidade para as acusações que são feitas a Markle.

Podem sublinhar-se vários atores e diversos processos transitivos. Meghan Markle seria considerada como ator principal nestes processos, visto que é quem pratica as ações. No entanto, como já se tem entendido ao longo da análise, pode depreender-se a existência de um ator com intenções

próprias (o autor da notícia), que, nos três casos, estaria a realizar um processo mental, utilizando a escrita para moldar a opinião do leitor sobre Markle, nomeadamente sobre as suas capacidades maternais e o futuro de um membro da Família Real, o que recai também na metafunção intertextual.

A maternidade de Markle foi tão escrutinada que os tabloides amplificaram a especulação presente nas redes sociais de que ela não estaria mesmo grávida e estaria a usar uma barriga de aluguer para fingir. Esta especulação levou a que a hashtag #duchessofdeception chegasse a 1.5 milhões de pessoas no Twitter e no Instagram no início de 2019 (Chua, 2019, como citado em Pramaggiore & Kerrigan, 2021), como se verá abaixo:

Sick online trolls are claiming Meghan's baby bump is a FAKE prosthetic in bizarre conspiracy theory - Jack Elsom, *MailOnline* (07/04/19 updated 08/04/19)

Wild claims on social media are being viewed by tens of thousands of people
A YouTube profile with over 30,000 subscribers churns out almost daily videos, but some have leaped to the Duchess's defence and hit back at the 'haters'

Neste título os *trolls*, que o *MailOnline* considera doentes – oferecendo um juízo de valor –, são o ator da ação, garantindo que a barriga de Markle é uma prótese falsa. Assumem uma função verbal, que sustenta aquilo a que o jornal chama de “teoria da conspiração”, e mostram, interpessoalmente, uma apreciação – negativa – dos comportamentos de Markle, criticando-a de uma forma que se considera bizarra. Utilizando o adjetivo “sick”, Elsom está a demonstrar a sua opinião, não esquecendo, no entanto, a utilização das maiúsculas – “FAKE” – que poderiam trazer mais atenção ao título do que a crítica inicial. Esta narrativa, liderada pelos media, reanimou metáforas racistas da ilegitimidade maternal das mulheres negras associadas à história da escravatura, persistente no século XXI. Esta retórica racista remete para as mulheres negras como mães inadequadas, cujos filhos estão à mercê da “depravação da sua mãe” (Gammage, 2015, como citado em Pramaggiore & Kerrigan, 2021). Durante a entrevista a Oprah, Markle divulgou comentários feitos por membros da Família Real sobre a possível cor que o seu bebé viria a ter, e, depois do seu nascimento, Markle e Archie foram alvo de racismo por parte dos media britânicos. Danny Baker, apresentador de rádio da BBC, fez uma publicação no Twitter em que aparecia um chimpanzé bebé com a descrição “Royal Baby leaves hospital”. Embora tenha sido despedido, o tweet sobreviveu para a posteridade como abertamente racista, expondo o nascimento de Archie como fora do padrão num contexto que traz ao de cima a branquitude (brancura) normativa da Família Real: “‘One of the worst days of my life’: Danny Baker admits he ‘f***ed up’ over royal baby chimp tweet and says he is paying the price for his ‘genuine, naive and catastrophic mistake’” por Terri-Ann William para *MailOnline* (10/05/19).

Também o *baby shower* de Markle foi não só um problema, como um tema de discussão e crítica nos media britânicos. Após ter viajado para Nova Iorque para fazer uma festa de 330 mil dólares, Harry foi acusado de estar a cometer os mesmos erros da sua mãe pelo antigo secretário de Diana, Patrick Jephson (22/02/19), e Markle foi comparada com Maria Antonieta por Piers Morgan (22/02/19), acusada de hipocrisia e de estar a dar motivos a “todos” para a criticarem:

'Meghan is handing everyone ammunition to shoot her down': Diana's butler Paul Burrell says William will be furious at £330k 'over-indulgent' New York baby shower - and the Duchess needs to learn the difference between being a royal and a celebrity - Charlie Bayliss, *MailOnline* (23/02/19)

Paul Burrell penned his concerns about Meghan's 'over-indulgent' baby shower. He claimed Meghan must learn difference between being a royal and a celebrity. Meghan spent several days in New York with A-listers for a plush baby shower. The Duke and Duchess of Sussex will jet to Morocco to represent the royal family

Este título leva a crer que Markle “pediu” para ser ostracizada pelos media: “Meghan is handing everyone ammunition” – isto dito pelo mordomo de Diana. Uma crítica bastante presente em muitos dos títulos é a de que a Duquesa não sabe a diferença entre ser membro da Família Real e pertencer a uma comunidade de celebridades. Celebridade, neste caso, é tido como pejorativo, e caracteriza um comportamento com que o público discorda. Embora a Família Real, em si, detenha pouco poder político e acabe também por viver da sua celebridade, Meghan, enquanto ex-atriz, é reduzida à celebridade, sendo assim mais fácil de criticar pelas suas decisões “over-indulgent”. Pode considerar-se que existem, neste título, as metafunções comportamental – Markle comportou-se de certa maneira, o que, na opinião de Paul Burrell, vai resultar em algo negativo; e mental – William vai sentir-se furioso com os gastos; Markle precisa de aprender a diferença, de modo a poder dar-se melhor na Instituição e poder representar a Família Real adequadamente.

3.5. O “Feminismo Monárquico” de Meghan Markle

“Harry’s a feminist like me, Meghan tells Welsh fans as she is given her first dedicated member of staff in female assistant private secretary who used to work at Royal Bank of Scotland” por Rebecca English para o *The Daily Mail* (18/01/2018). Este foi um dos primeiros títulos do Universo do *Daily Mail*, que assumiu o feminismo de Markle como autoproclamado, através da comparação – “ele é feminista COMO eu” –, feita no terceiro evento em que compareceu enquanto noiva do Príncipe Harry, em nome da Família Real. O tom, em si, não apresenta grandes juízos de valor, uma vez que parafraseia Markle, mas é importante para demarcar Markle como feminista, e trazer ao público a ideia de que correria o risco de alterar o panorama da Monarquia. O processo efetuado por Markle é verbal, visto que o título se foca numa transcrição do seu discurso para os fãs galeses, sendo que o título cumpre a sua função informativa.

A perspetiva de uma pessoa, considerada fora da norma por todas as características inatas já descritas, entrar numa instituição predominantemente branca e tradicional, sustentando ainda o título de feminista, levou à especulação, mais uma vez, de uma possível mudança acarretada por Markle:

Will self-proclaimed feminist Meghan change the law to allow for a female heir? Duke and Duchess of Sussex's future daughters cannot inherit titles because current legislation only allows dukedoms to pass to men - Carly Stern, *DailyMail.com* (04/06/18 updated 05/06/18)

The couple were given the titles of Duke and Duchess of Sussex upon their wedding last month.

However dukedom can only be inherited by male children — not female — regardless of birth order. If the couple's first child is a daughter, she will not inherit the title and will be called 'Lady', rather than 'Duchess'. In 2013, the Succession to the Crown Act changed the

law regarding succession to the throne so it is based on birth order, regardless of gender. This means that William and Kate's daughter, Princess Charlotte, follows her older brother George in the line of succession to the throne. However, that law applies to those in line for the crown, not members of the peerage

Primeiramente, Markle, enquanto Duquesa de Sussex, não teria poder suficiente para alterar quaisquer que fossem as leis relacionadas com herdeiros, mesmo que isso fosse o que pretendesse. Isto não impede que não fosse um tema em discussão, mas ela, sozinha, nunca poderia mudar a legislação atual, por mais feminista que fosse. O rótulo de “mudança” associado a Markle acabou por ser uma das razões pelas quais mais expectativas lhe foram impostas, sendo que o facto de ser birracial, feminista, norte-americana e divorciada nunca lhe daria, realisticamente, poder para alterar o padrão patriarcal da Família Real. Não há forma de indagar sobre o que aconteceria caso ela tivesse casado com o herdeiro ao trono, William, pelo que tais suposições são infundamentadas. Além disso, a ideia de que Markle poderia alterar, ela mesma, regras tão antigas, poderá ter levado a que a opinião do público mais conservador se tenha tornado ainda mais negativa quanto à sua entrada – a perspectiva de que um individuo viria a alterar o sistema conhecido e apoiado por eles. Está-se perante um título que se inicia no modo interrogativo, assumindo um tom de possibilidade – será que Markle vai fazer isto?

Em nome da Família Real, Markle esteve presente em vários eventos, alguns dos quais envolvendo ações com mulheres de baixo nível socioeconómico. Num dos eventos com trabalhadoras sexuais, Markle enviou mensagens pessoais de apoio escritas em bananas, o que não foi bem visto nem pelos media, nem pelas próprias mulheres, que acharam que ela poderia ter feito muito mais para as ajudar, tendo em conta o seu poder socioeconómico:

Her Royal Fruitiness! Meghan sends personal messages of support to sex workers - written on BANANAS - as she and Harry make food parcels during visit to Bristol charity - Jessica Rach, *MailOnline* e Rebecca English, *Daily Mail* (01/02/19 updated 02/02/19)

The Duke and Duchess of Sussex braved the chilly weather to visit Bristol for a joint official engagement. Meghan, 37, wore Oscar de la Renta joining Prince Harry, 34, for a tour of the city's cultural history on Friday. The pregnant duchess visited the Bristol Old Vic, the oldest working theatre in the English-speaking world. She then visited One25, a charity helping female workers in the sex industry and penned messages on fruit. The final visit of the day will be to Empire Fighting Chance, helping young people's lives through boxing. Their visit was slightly delayed due to the weather, however aides said they were determined to be there

O texto começa por chamar a atenção do leitor, apelidando Markle de “Her Royal Fruitiness!”, num tom que pode ser considerado trocista, recorrendo ainda à utilização de maiúsculas em “BANANAS”, expressões empregadas para dar informação, ao mesmo tempo que entretêm aqueles que leem a notícia, ajudando-os a criar uma perceção (não positiva) da Duquesa. Procede-se a descrever as ações da Duquesa durante a visita a Bristol e os locais da digressão, incluindo a *One25*, a instituição de caridade. Através de um processo comportamental, Markle (o ator) enviou as mensagens pessoais com o intuito, talvez, de motivar o alvo das mensagens, sem qualquer mudança confirmada.

Os maiores críticos de Markle, como Piers Morgan, não perderam a oportunidade de fazer o próprio comentário sobre as decisões da Duquesa: “Why Meghan's self-indulgent ‘empowering-banana’ stunt was a humiliating farce that made a laughingstock of the very sex workers she claimed to be helping”

por Piers Morgan para *Mailonline* (04/02/19). Neste título não poupa o seu tom de desagrado através da utilização de expressões como “self-indulgent”; “humiliating farce”; “laughingstock”, mostrando que nada neste artigo se pressupõe agradável ou compreensivo, dando aos leitores a sua perspetiva relativamente à razão por que considera os atos de Markle como desrespeitosos para com as trabalhadoras sexuais que a Duquesa tentava ajudar, atribuindo-lhe toda a culpa pelo resultado do evento. Assim, o processo material que Markle executou – aqui tendo surtido uma mudança aos olhos de Morgan, visto as trabalhadoras terem sido alvo de troça – levou a um processo verbal por parte de Piers, que escreveu o artigo para mostrar a sua opinião sobre o assunto.

Paralelamente, Markle tentou utilizar o seu feminismo para ajudar a reformular o currículo académico no Reino Unido e trazer mais diversidade ao contexto universitário:

Meghan Markle backs campaign to 'decolonise the curriculum' by adding more black women to university staff instead of 'male, pale, and stale' professors in her first political intervention since joining the royal family - Leigh Mcmanus, *MailOnline* (17/02/19 updated 18/02/19)

The movement Meghan is backing aims to 'confront the legacies of the empire'

It's been controversial since Oxford students tried to fell 'racist' statue in 2016

At event in London this month Meghan said 'oh my God' at diversity figures

The Duchess is Patron of the Association of Commonwealth Universities (ACU)

O título versa sobre aquela que foi considerada a primeira intervenção política de Markle ao serviço da Família Real. A utilização das aspas assume uma transcrição das palavras de Markle, alegando que terá caracterizado o corpo docente das universidades britânicas como “male, pale, and stale”. O subtítulo explica que o movimento apoiado por Meghan tem o objetivo de confrontar o legado do império – o que é um assunto sensível, visto que, ainda no presente, o Chefe de Estado do Reino Unido – agora o Rei Carlos III, que subiu ao trono em setembro após a morte da Rainha, sua mãe – é soberano de catorze estados independentes, ex-colónias, sendo as discussões sobre o orgulho colonial um assunto delicado, mas cada vez mais comum. O movimento tem sido, de acordo com a autora, controverso, desde que estudantes de Oxford tentaram deitar abaixo uma estátua que consideravam racista em 2016, ação que, não tendo nada a ver com Markle, lhe é automaticamente ligada. O texto prossegue com a informação de que Markle terá dito “ó meu Deus” a várias figuras de diversidade num evento em Londres, dando pouca correlação ao título. Simultaneamente, os autores concluem com a informação de que a Duquesa é Patrona da Associação das Universidades da Commonwealth, depreendendo-se o seguinte: ou que ela aceitou o cargo, hipocritamente, mesmo estando a Commonwealth ligada ao passado colonial, ou então que, enquanto Patrona, está a tentar criar uma mudança visível, associada a um movimento “controverso”, o que pode suscitar problemas junto aos defensores da tradição.

Também foi acusada de ser “disturbingly self-confident” e aconselhada a não ser ativista política: “Lady Colin Campbell brands Meghan 'disturbingly self-confident' as she warns Duchess against being a 'political activist'” por repórter do *Mailonline* (02/04/19 updated 04/09/19). Lady Colin cumpre um processo verbal, criticando o ativismo de Markle, que, na sua opinião, não lhe traria nada de positivo. Isto vai contra a ideia inicial de que Markle iria, eventualmente, alterar alguns dos paradigmas da Família

Real. Dando espaço à crítica daquilo que Meghan tencionaria fazer enquanto Duquesa, permite-se ao público que reflita sobre a mudança, embora de forma menos positiva.

Na mesma linha, pode ler-se: “It’s her job to be Harry’s wife, not change the royal dynamic”: Prince Charles’ Hollywood polo pal Stefanie Powers, 77, unloads on Meghan and brands Andrew ‘stupid’ - but gushes about ‘impeccable’ Kate” por Megan Sheets para *DailyMail.com* (12/12/19 updated 13/12/19). Este título remete Markle ao seu lugar no patriarcado e confirma o que já se analisou neste trabalho, nomeadamente a ideia de que um feminismo monárquico é impossível: a figura feminina, para a realeza, é puramente mulher e a mãe, sendo o único trabalho legítimo para Meghan o de ser a mulher, neste caso, de Harry, e não mudar a dinâmica. Este artigo demonstra a preferência por Kate, que é chamada de “impecável” por cumprir bem os seus compromissos, ao contrário de Markle, aprofundando a comparação mediática entre ambas. Mesmo que até setembro de 2022 a chefe de Estado fosse uma mulher – Isabel II –, isso não alterou o facto de que esta também terá tido de cumprir o seu destino biológico e fornecer um herdeiro à coroa. Todavia, este título não deixa de criticar, também, Andrew, acusado de pedofilia e de envolvimento com Jeffrey Epstein, o que parece colocar Markle e Andrew no mesmo patamar, mesmo que os “crimes” um do outro não sejam, sequer, comparáveis: ambos são maus e só Kate é boa. Quanto ao processo, está-se perante um processo verbal, pois, trata-se novamente de uma transcrição. Porém, é possível identificar outros, de acordo com a mensagem, como o processo relacional, assumindo a identidade de Andrew como “estúpido” e a de Kate como “impecável”, e o processo comportamental, pois foram as ações de Markle que despoletaram as declarações de Stefanie Powers, amiga do, na altura, Príncipe Carlos. Interpessoalmente, está-se perante um aviso da parte de Powers para com Markle, e o tom é avaliativo.

Já depois da renúncia aos cargos sénior da Família Real, Markle foi criticada por utilizar uma pulseira com a frase, “linked not ranked”, enquanto ainda beneficiava da utilização do título de Duquesa:

‘This coming from a woman who uses a title?’ Meghan Markle is accused of hypocrisy after praising Gloria Steinem quote about being ‘linked not ranked’ despite still referring to herself as the Duchess of Sussex - Charlie Lankston, *Dailymail.com* (27/08/20)

Meghan, 39, called attention to the quote during a Q&A with activist Gloria, 86, revealing that she wears bracelets with the mantra written on them. The bracelets, which come in a set of four, were designed by Gloria herself in order to raise money for Feminist.com.

During her ‘backyard chat’ with Gloria, Meghan said that the quote - which is one of the feminist icon’s most famous - ‘means everything to her’. Twitter users have pointed out the irony in Meghan’s promotion of the statement, noting that she still uses a title that denotes a higher social rank. Others have questioned whether she was making a veiled dig at the royal family when referencing the statement. However after the interview was published on Wednesday, the bracelets quickly sold out online as fans rushed to buy their own set

Numa crítica persistente ao feminismo de Markle, o título transcreve o pensamento do público após ouvir a Duquesa a falar sobre como é importante trabalhar para atingir objetivos enquanto ainda utiliza o título de Duquesa que, ironicamente, lhe garante lugar num estrato social muito alto sem que tenha tido de trabalhar por isso, apenas casar. Porém, também existe a versão, no subtítulo, de que Markle disse isso como forma de criticar a Família Real cujos títulos são passados de geração em geração. Todavia, o destaque é dado à questão da hipocrisia, o que, novamente, pode ajudar a moldar uma opinião

menos positiva sobre a, na altura, Duquesa, tal como já se tem analisado ao longo deste trabalho. Pode considerar-se a existência de um processo relacional, uma vez que Markle (portador) está a ser considerada hipócrita (atributo). Além disso, existe um processo material, uma vez que após a entrevista, as pulseiras esgotaram. Através de uma transcrição, está-se perante o modo interrogativo para introduzir o debate.

3.6. Megxit (the slang term for the decision of couple Meghan Markle and Prince Harry to step back from their senior roles in the British royal family³):

Para concluir esta análise, é relevante salientar alguns dos artigos lançados aquando da decisão do casal de abandonar os cargos sénior na Família Real e a forma tendenciosa como o Universo *Daily Mail* lidou com a questão. Depressa surgiram opiniões que atribuíam a culpa ao racismo do povo britânico e dos media:

Racism drove Meghan Markle out of Britain, say prominent black Britons including Labour leadership contender Clive Lewis - Claire Duffin, *The Daily Mail* (10/01/20)

Prince Harry has raged about 'racist' social media attacks on his wife Meghan

Black comedian Gina Yashere said 'every black person knew this was coming'

Singer Jamelia said: 'Every single word used against Meghan steeped in racism'

Simultaneamente, os críticos habituais de Markle, como Piers Morgan, vieram em defesa dos britânicos, ripostando que tais acusações iam contra um povo que recebia sempre bem as outras pessoas, pondo a culpa somente nos comportamentos de Markle, ignorando toda a cobertura mediática feita sobre ela desde 2016. Através de um processo verbal, Morgan teve direito a expressar a sua opinião, de forma alguma positiva, mais do que uma vez nos dias seguintes à decisão da partida: "Piers Morgan says 'it is a disgraceful smear on the welcoming British people' to brand critics of 'shameless and shameful' Meghan Markle as racist" por Mark Duel para *MailOnline* (10/01/20 updated 01/07/20); "PIERS MORGAN: Meghan and Harry haven't been criticized because of her color but because she's a selfish social climber and he's a weak whiner - and by playing this despicable race card they have grossly libeled all of Britain" por Piers Morgan, para *MailOnline* (13/01/20 updated 01/07/20);

'Where is the racism? You can't just say it's racism': Piers Morgan gets embroiled in furious Megxit argument with ex-Labour adviser Ayesha Hazarika after accusing Prince Harry and Meghan Markle of 'breaking up the Royal family' in GMB rant, Rod Ardehali, *MailOnline* (13/01/20 updated 01/07/20)

Piers Morgan slammed Prince Harry and Meghan Markle in an excoriating rant

He accused the Duchess of 'literally breaking up the Royal family' on GMB today

He also blasted Harry for appearing to push Meghan's career to the Disney boss

Piers urged them 'to eat humble pie and listen to the wisest woman in the world'

Assim, Markle foi chamada de “horrível”, “manipuladora”, “mimada”, “irritante”, “egoísta”, “social climber” (atributos, processo relacional), como tendo a tendência para destruir famílias e relações (processo material), acusada de manipular Harry (processo comportamental), de destruir a

³ Via Dictionary.com – “Megxit”

Família, e de violar a forma como ela opera. Neste artigo, Morgan volta a pegar na questão das relações familiares, já discutidas acima

Piers Morgan says Meghan Markle has 'ditched her family, ditched her Dad, ditched most of her old friends, split Harry from William and has now split him from the Royals' - Jack Elsom, *MailOnline* (08/01/20, updated 01/07/20)

The GMB presenter said the Duchess had a history of destroying relationships

Piers has been a longstanding critic of the Sussexes' supposed 'hypocrisy'

The couple tonight revealed their intention to 'step back' as senior Royals

Eamonn Holmes, que nunca conheceu a Duquesa, não poupou adjetivos para caracterizar Markle. Novamente está-se perante um processo relacional que torna Markle o portador de tudo aquilo que Holmes considera como atributo, e diante de um processo verbal, visto que há mais uma transcrição direta. O tom é transparente e reflete a opinião do locutor, nomeadamente o julgamento pessoal. O facto de haver espaço no *MailOnline* para recriar as suas palavras, demonstra o parecer generalizado refletido nos títulos deste espaço temporal: “‘She's awful, woke, weak, manipulative, spoilt and irritating’: Eamonn Holmes says he has no sympathy for Meghan... weeks after he was reprimanded by ITV for calling her 'uppity' por Rebecca Davison e Laura Fox” para o *MailOnline* (10/01/20 updated 11/11/20).

Ao mesmo tempo, Harry funcionou como o “+1”, que permitiu que tal acontecesse, que foi convencido, que não teve grande poder de decisão face a uma Meghan manipuladora que usou Harry para seu próprio benefício. Além de diabolizar a mulher, este título retira agência a Harry, caracterizado como um homem de baixa autoestima que precisa de alguém forte que tome decisões por ele e que assuma o controlo após a morte da mãe – evento utilizado como se fosse algo muito mais recente do que realmente é: “‘Manipulative Meghan knew Harry needed a strong woman in his life after Diana's death and exerted control by capitalising on events that hit his self-esteem, writes psychologist JO HEMMINGS” por Jo Hemmings, Psicóloga de Celebridades, para *MailOnline* (10/01/20).

Consequentemente, houve quem utilizasse o verbo “agreed” para demonstrar que não teria sido ideia de Harry, mas sim de Markle e que ele apenas teria concordado com os pedidos da mulher: “‘Meghan Markle was 'on the brink': Prince Harry agreed to quit the Royal family and fast-tracked plans as he feared his 'unsettled' wife would have a 'meltdown' if she remained in the UK” por Sophie Tanno para *MailOnline* (12/01/20). Deste modo, a culpa foi colocada principalmente em Markle, através da retórica da “american divorcee” e a comparação com as mulheres disruptivas da história da Família Real (Wallis, Diana), a qual voltou a ocupar espaço de destaque. Utilizou-se também o “eles” (Meghan + Harry), mas muito raramente Harry foi mais do que um bode expiatório para os planos da sua mulher. Observe-se o seguinte: “‘History is repeating itself with Prince Harry and Meghan Markle - but I believe it may be for the best: A.N. WILSON watches another royal depart the Firm with an American divorcee... 83 years after Edward VIII married Wallis Simpson” por Andrew Normal Wilson para o *The Daily Mail* (08/01/20 updated 09/01/20), e “‘Royal experts blast Meghan and Harry's 'bizarre, impetuous' decision to step down saying it 'has echoes of Diana' and is a 'violation of the way the royal family operates'” por Alexander Robertson para *MailOnline* (09/01/20).

No âmbito das comparações, Kate foi, mais uma vez, utilizada como o contraponto positivo que destoa das ações pejorativas de Meghan e, conseqüentemente, de Harry. Se Middleton precisava de mais um ponto em seu favor no discernimento do povo britânico, a saída do cunhado e da sua mulher da Família Real foram fatores eficazes para que ela se tornasse ainda mais apreciada: “AMANDA PLATELL: No tears or tantrums here, 'Waity Katy' Middleton has become the Royals' crown jewel after a torrid week for Prince Harry and Meghan Markle” por Amanda Platell para *The Daily Mail* (10/01/20 updated 11/01/20).

A ideia que se retira através da análise dos títulos sobre este tema é a de que, finalmente, Markle terá feito algo que daria legitimidade ao Universo do *Daily Mail* e aos seus jornalistas de a criticarem não só abertamente, mas de forma feroz, reunindo a opinião, agora consensual, que já se viria a cimentar desde 2016: a suspeita de estar a destruir uma Família que significa tanto para o país, mesmo não se tendo informação sobre como foi tratado o assunto à porta fechada. Esta suspeita deu autoridade a autores como Piers Morgan de criticarem e ofenderem a Duquesa de todas as formas que acharam adequadas, não poupando o julgamento pessoal nem o tom crítico sobre os comportamentos do casal (metafunção interpessoal). O tema (metafunção textual) de todos estes títulos é o mesmo: Markle levou Harry a abandonar a Família, numa decisão considerada impetuosa e bizarra, demonstrando todos os atributos com que o Universo *Daily Mail* teria vindo a caracterizá-la desde que os rumores apareceram, culminando naquilo que seria a confirmação de todas essas opiniões: não só Markle não era boa o suficiente para Harry, como terá sido a culpada desta separação.

Conclusões

Com toda a polémica envolta ao redor do casal Harry e Meghan, pareceu revelante tentar entender ou descobrir algum padrão de tratamento de Markle em alguns títulos do Universo *Daily Mail* entre 2016 e 2020. Compreende-se que haja uma quantidade muito superior de títulos que não foram analisados, mas dada a extensão recomendada para a realização desta dissertação, tal não seria possível além do proposto. A escolha de artigos e a determinação da relevância entre tantas opções disponíveis foi uma das, se não a maior, dificuldades ao fazer esta pesquisa. Pretende-se que este trabalho sirva de exemplo para futura pesquisa e conduza a trabalhos mais exaustivos, assentes em resultados mais pormenorizados, seja temáticos, aplicados, ou cronológicos. Mesmo que ao longo do Capítulo 3 se tenha comentado cada título procurando responder às questões colocadas no Capítulo 2, reforçam-se agora as seguintes conclusões:

1. A ideia de Markle ser feminista causou alvoroço não só nos media, mas na própria percepção da Casa Real. A partir do momento em que a sua “autoproclamação” como feminista, aliada às suas características inatas de ser uma mulher birracial e divorciada, encheu as manchetes, criaram-se expectativas de mudança e, conseqüentemente, o medo de isso acontecer. A alusão constante à ideia de que Markle teria algum poder para alterar o *status quo* através, única e exclusivamente, da sua presença tornou-se um discurso comum, que, embora tenha enchido alguns de esperança, também deu espaço ao descontentamento dos mais tradicionalistas e conservadores, tanto ao nível individual como dos media. O Universo *Daily Mail*, por exemplo, disseminou amplamente narrativas críticas de Markle, escrutinando-a por qualquer ação que tomasse e aconselhando-a a não prosseguir “ativismo político” e a “respeitar a tradição”. Por outro lado, Markle, inserida no contexto real, nunca poderia exercer mais do que um feminismo popular a título individual, o qual, conforme exposto no Capítulo 1, teria dificuldade em se afirmar e ser levado a sério num meio patriarcal e conservador como o da Monarquia. Depreende-se que a ideia de Markle em se afirmar como feminista no seio da Família Real Britânica mais não passou de uma “marca” que, fundamentalmente, não exerceu verdadeira mudança. Não obstante os feminismos popular e de celebridade serem uma forma de expandir os ideais feministas, raramente levam a que haja uma efetiva alteração dos valores enraizados.

2. A diferença de tratamento entre Markle e outros membros da família é notória. Nem sempre as comparações são feitas de forma pejorativa, mas prevalece um tom crítico na maioria das ações relatadas pelos jornais. Meghan Markle é quase sempre a que se destaca dos outros, sendo amiúde comparada com Wallis Simpson, cuja reputação se mantém como a da “americana divorciada” que levou abdicação e exílio de Eduardo VIII. Markle é também comparada com Diana, se bem que não nos pontos positivos da sua vivência – a saída tem “ecos de Diana” –, ao mesmo tempo que a afastam dessa comparação – “ela nunca será Diana, mesmo sendo popular, pois aquela foi única”. A antagonização de Kate e Meghan, alimentada pelos media, principalmente pelo Universo do *Daily Mail* analisado, é uma narrativa comum que começou a tomar forma ainda em 2017 e persiste, sendo que muitos consideram

que, se os irmãos não se falam, a culpa é das suas mulheres, mais propriamente de Meghan. Kate é o “diamante” da Casa Real e Meghan é a “celebridade manipuladora”, que afastou Harry dos seus. Estas ilações não implicam que todos os títulos publicados a respeito de Markle tenham sido negativos, já que no capítulo 3 se destacaram, igualmente, artigos que cumpriam meramente a sua função informativa, dando ao leitor a oportunidade de formar a sua opinião mediante factos apresentados. Da mesma forma, não se pode supor que toda a cobertura mediática sobre Middleton tenha sido positiva. Todavia, considerando os títulos analisados relativos a determinados eventos importantes de 2016 a 2020, o discurso colocava, na sua grande maioria, as duas mulheres em polos opostos de um campo de batalha criado pelos media, no qual as apostas estavam centradas em Middleton, a apaziguadora, que estaria a fazer “tudo ao seu alcance” para se relacionar com a cunhada, ao contrário desta última. As perspetivas sobre, por exemplo, a gravidez, tema bastante focado ao longo do Capítulo 3, mostraram as diferentes perceções tidas de Markle e Middleton, quase como excluindo Markle e o seu futuro filho por serem diferentes e pondo, sistematicamente, em causa aquilo que a ex-Duquesa decidia fazer, fosse continuar um itinerário de viagem, tocar carinhosamente na sua barriga, ou até quanto ao tipo de parto.

As razões pelas quais a então Duquesa de Sussex terá tido este tratamento por parte do *Daily Mail* não podem ser averiguadas em profundidade, visto que a análise contou apenas com uma pequena amostra de títulos. No entanto, dada a observação, pode afirmar-se que os media fizeram salientar nela algumas características como a raça, a nacionalidade, a vida amorosa, a vida profissional e os ideais políticos, servindo-se dessa carga de preconceito para condicionar a opinião dos leitores. Não é possível, apenas com este trabalho, garantir que Kate não tenha tido um tratamento similar, visto que esse foco não recaía no âmbito do trabalho realizado. Não obstante, podem excluir-se duas características, logo à partida, em relação a Kate: a raça e a nacionalidade. Sendo branca e britânica, esse não teria sido um problema para os media. Este assunto remete para a luta desigual de Meghan para se afirmar, tendo-se assumido como feminista, ao mesmo tempo que chamava a atenção para a questão racial, aproximando-se da chamada interseccionalidade no seu posicionamento de mulher feminista, de origem negra e de classe social originalmente não muito elevada. A forma discriminatória como o *Daily Mail* e outros media trataram a herança afro-americana de Markle, foi, para muitos, uma das razões que terá levado o jovem casal a decidir abandonar o país natal de Harry. Quando Meghan e Harry anunciaram a saída, a ideia da mulher como “manipuladora” e “destruidora de lares” foi disseminada pelo Universo *Daily Mail*, quase como forma de “justificação” para toda a cobertura mediática que teriam feito ao longo dos anos anteriores. Markle já não era apenas a “celebridade americana, divorciada, birracial, feminista, ex-atriz, com uma família disfuncional”, mas também a razão pela qual Harry abandonava o seu povo e a sua família. O tratamento dado a Markle pelo Universo *Daily Mail* persiste até ao presente.

Com a morte da Rainha Isabel II, o escrutínio sobre as ações do casal tornou-se assunto do momento, tanto nas redes sociais como nos media tradicionais. Será interessante, em estudos futuros, analisar não só essas manchetes, como também o próprio movimento em redes como o Twitter.

Referências Bibliográficas

- Agnew, V. (1996). Introducing Race in Feminist Theory in *Resisting discrimination: Women from Asia, Africa, and the Caribbean and the women's movement in Canada*. University of Toronto Press. Online. <https://vawnet.org/material/including-race-feminist-theory>
- Anderson, B. (1983). *Imagined Communities*. Londres. Verso (2016).
- Andrews, K. (2021). The post-racial princess: Delusions of racial progress and intersectional failures. in *Women's Studies International Forum* (Vol. 84, p.102432). Pergamon. <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2020.102432>
- Apen-Sadler, D. (2019, 1 de janeiro). A VERY Dry January! Meghan has 'banned Prince Harry from drinking, alcohol, tea and coffee' in favour of water and is encouraging him to take more exercise say royal insiders. *Mail Online*. Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-6544135/Meghan-Markle-banned-Prince-Harry-drinking-alcohol-tea-coffee.html>
- Ardehali, R. (2018, 21 de outubro). 'She's only pregnant – not ill!': Fury as trolls slam pregnant Meghan for needing a well-deserved rest during her gruelling royal tour". *Mail Online*. Consultado a 11/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6300635/Meghan-Markle-misses-royal-engagement-exhausting-tour-dividing-opinion-online.html>
- Ardehali, R. (2020, 13 de janeiro). 'Where is the racism? You can't just say it's racism': Piers Morgan gets embroiled in furious Megxit argument with ex-Labour adviser Ayesha Hazarika after accusing Prince Harry and Meghan Markle of 'breaking up the Royal family' in GMB rant. *Mail Online*. Consultado a 21/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-7880749/Piers-Morgan-calls-Prince-Harry-Meghan-Markle-spoiled-brats.html>
- Banet-Weiser, S., et al.. (2020). Postfeminism, popular feminism and neoliberal feminism? Sarah Banet-Weiser, Rosalind Gill and Catherine Rottenberg in conversation. *Feminist Theory*, 21(1), 3-24. 10.1177/1464700119842555journals.sagepub.com/home/fty
- Bardin, L. (2012). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Almedina Brasil.
- Bayliss, C. (2018, 15 de dezembro). 'Have they turned their backs on the world... or just her family?': Samantha Markle snipes at Harry and Meghan over wedding snap in Christmas card. *Mail Online*. Consultado a 10/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6499129/Samantha-Markle-snipes-Harry-Meghan-wedding-snap-Christmas-card.html>
- Bayliss, C. (2019, 23 de fevereiro). 'Meghan is handing everyone ammunition to shoot her down': Diana's butler Paul Burrell says William will be furious at £330k 'over-indulgent' New York baby shower - and the Duchess needs to learn the difference between being a royal and a celebrity. *Mail Online*. Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6736729/Princess-Dianas-butler-says-William-angry-Meghans-330k-baby-shower.html>
- Blott, U. (2017, 12 de maio). What would the Queen say? Meghan Markle plays a bed-hopping, drug-taking party girl in a VERY racy TV movie she'd probably rather forget". *Mail Online* (Consultado a

05/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-4497268/Meghan-Markle-plays-party-girl-2011-TV-series.html>

Brennan, S. & English, R (2018, 21 de março). Not long to go! Pregnant Kate tenderly cradles her baby bump while wrapping up her royal duties ahead of maternity leave - and William confirms she's due 'any minute now'. *Mail Online/The Daily Mail*. Consultado a 10/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-5526339/Pregnant-Kate-looks-blooming-green.html>

Brennan, S. (2018, 15 de outubro). Will Harry and Meghan's child be the first AMERICAN royal baby? California-born Meghan can apply for US citizenship for the new arrival - as long as she retains her own passport. *Mail Online*. Consultado a 11/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-6278683/Will-Harry-Meghans-baby-AMERICAN-royal.html>

Bruner, R. (2021, 9 de março) “Meghan Markle Calls the British Royals 'The Firm.' Here's Why”. *Time Magazine*. Consultado em 15/08/2022. <https://time.com/5945032/what-is-the-firm-royal-family/>

Clancy, L. & Yelin, H. (2020). ‘Meghan’s manifesto’: Meghan Markle and the co-option of feminism. *Celebrity studies*, 11(3), 372-377. 10.1080/19392397.2018.1541541

Clancy, L. & Yelin, H. (2021). Monarchy is a feminist issue: Andrew, Meghan and# MeToo era monarchy. In *Women's Studies International Forum* (Vol. 84, p.102435). Pergamon. <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2020.102435>

Collins English Dictionary (s.d.). *Definition of 'Bolter'*. Collins English Dictionary. HarperCollins Publishers Consultado a 13/08/2022. <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/bolte>

Daily Mail Archive: *Meghan Markle* (s.d) (online), consultado a 06/05/2022. <https://www.dailymail.co.uk/home/search.html?sel=siteesearchPhrase=Meghan+Meghan+Markle>

Daily Mail. *media.info*. (s.d.) (online), consultado a 07/01/2022. <https://media.info/newspapers/titles/daily-mail>

Davison, R. & Fox, L. (2020, 10 de janeiro). 'She's awful, woke, weak, manipulative, spoilt and irritating': Eamonn Holmes says he has no sympathy for Meghan... weeks after he was reprimanded by ITV for calling her 'uppity'. *Mail Online*. Consultado a 20/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/tvshowbiz/article-7873345/Eamonn-Holmes-says-no-sympathy-Meghan.html>

De Carvalho Noronha, E. C. & Silveirinha, M. J.. “Um quarto todo seu” na era digital: pós-feminismo e notícias para públicos femininos na plataforma Delas. *Comunicação Pública*, 2020, 15.28.

De Graaf, M. (2019, 5 de maio). World's top obstetricians laugh about Meghan Markle's home birth plan at global summit - but others say the duchess is right to confront dangers of childbirth for black women in the UK. *Mail Online/Dailymail.com*. Consultado a 15/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/health/article-6994943/Meghan-Markle-sparks-debate-global-obstetrics-summit.html>

Dictionary.com (2021, março). *Megxit*. Consultado a 29/09/2022. <https://www.dictionary.com/e/pop-culture/megxit/>

- Duell, M. & Matthews, S. (2018, 15 de outubro). Meghan Markle WILL still visit Tonga and Fiji on royal tour despite Zika virus risk to pregnant women. *Mail Online*. Consultado a 10/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6277535/Meghan-Markle-pregnant-Royal-visit-Tonga-Fiji-royal-tour-despite-Zika-fears.html>
- Duell, M. & Robinson, M. (2018, 20 de maio). Meghan's manifesto: 'Proud feminist' Duchess of Sussex vows to take Royal Family in a new direction after she broke tradition to give wedding speech in which she revealed commitment to 'social justice'. *Mail Online*. Consultado a 25/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-5749973/Inside-Harry-Meghans-lavish-evening-wedding-reception-hosted-Prince-Charles.html>
- Duell, M. (2020, 10 de janeiro). Piers Morgan says 'it is a disgraceful smear on the welcoming British people' to brand critics of 'shameless and shameful' Meghan Markle as racist. *Mail Online*. Consultado a 20/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-7872611/Piers-Morgan-denies-criticism-Meghan-Markle-racist.html>
- Duffin, C. (2020, 10 de janeiro). Racism drove Meghan Markle out of Britain, say prominent black Britons including Labour leadership contender Clive Lewis. *Mail Online/The Daily Mail*. Consultado em 20/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-7874815/Racism-drove-Meghan-Markle-Britain-say-prominent-black-Britons.html>
- Elsom, J. (2019, 7 de abril). Sick online trolls are claiming Meghan's baby bump is a FAKE prosthetic in bizarre conspiracy theory. *Mail Online*. Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6896153/Sick-online-trolls-claiming-Meghan-Markles-baby-bump-FAKE-prosthetic.html>
- Elsom, J. (2020, 8 de janeiro). Piers Morgan says Meghan Markle has 'ditched her family, ditched her Dad, ditched most of her old friends, split Harry from William and has now split him from the Royals'. *Mail Online*. Consultado a 20/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-7866123/Piers-Morgan-accuses-Meghan-Markle-spitting-Prince-Harry-Royal-Family.html>
- English, R. & London, B. (2017, 14 de setembro) "A cure for her morning sickness? Prince William is given an AVOCADO for pregnant Kate by a concerned little boy during a visit to Liverpool - as he reveals his wife is 'doing well'". *Mail Online*. Consultado a 10/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-4883786/Prince-William-visits-hospital-Liverpool.html>
- English, R. (2018, 18 de janeiro). Harry's a feminist like me, Meghan tells Welsh fans as she is given her first dedicated member of staff in female assistant private secretary who used to work at Royal Bank of Scotland. *Mail Online/The Daily Mail*. Consultado a 10/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-5286379/Harrys-feminist-like-Meghan-tells-Welsh-fans.html>
- Fabulous Reporter (2019, 28 de janeiro). "GONE GAGA Meghan Markle's constant bump-holding is 'for a photo op & she should turn her "Baby Bump Barbie" act down, critic slams". *The Sun*.. Consultado a

21/06/2022 <https://www.thesun.co.uk/fabulous/8298741/meghan-markle-constant-bump-holding-photo-opportunity/>

Fernandes, A. (2014). *O discurso sobre o estado vegetativo nas notícias online em Portugal*, Dissertação de Mestrado em Bioética, Lisboa, Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

Friedlander, M. (2018, 28 de fevereiro). 'There is only one Diana and sadly, she has passed': Andrew Morton claims Meghan Markle will never become the 'People's Princess' despite her charm and popularity. *Mail Online/Daily Mail Australia*. Consultado a 11/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/tvshowbiz/article-5443007/Andrew-Morton-compares-Princess-Diana-Meghan-Markle.html>

Gordon, A. (2017, 29 de novembro) Meghan Markle 'will join the Queen at Sandringham for Christmas' – even though Kate was NOT invited when she was engaged to William. *Mail Online*. Consultado a 10/08/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-5129379/Meghan-Markle-join-Queen-Sandringham-Christmas.html>

Gouveia, C. A. M. (2009). Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Matraga Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, 16(24).

Green, J. (2019, 29 de outubro). Kate Middleton 'is doing her best' to 'patch things up in private' with Meghan Markle after the Duchess admitted her struggles in ITV documentary, royal expert claims. *Mail Online* Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-7625383/Kate-Middleton-doing-best-try-reach-Prince-Harry-Meghan-Markle.html>

Hale, B. & Cisotti, C. (2019, 12 de março). As Meghan Markle is still towering in heels just weeks from the birth of her baby, experts ask: 'Is this the height of chic - or a step too far?'. *Mail Online/The Daily Mail*. Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-6801559/Heavily-pregnant-Meghan-Markle-heels-height-chic-step-far.html>

Hardy, F. (2018, 26 de julho). Style snap! Meghan Markle and Wallis Simpson - two glamorous American divorcees who met their smitten princes when they were 34. *Mail Online/The Daily Mail*. Consultado a 10/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-5997039/Meghan-Markle-Wallis-Simpson-divorced-Americans-prince-34.html>

Hemmings, J. (2020, 10 de janeiro). Manipulative Meghan knew Harry needed a strong woman in his life after Diana's death and exerted control by capitalising on events that hit his self-esteem, writes psychologist JO HEMMINGS. *Mail Online*. Consultado a 20/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/debate/article-7873003/JO-HEMMINGS-Manipulative-Meghan-knew-Harry-needed-strong-woman-life.html>

hooks, bell (1981), *Ain't I a woman – Black Women and Feminism*, Nova Iorque, Rothledge (2015)

Infopédia. (s.d.). *Tabloides: Definição ou significado de tabloides no dicionário Infopédia da Língua Portuguesa*. Infopédia - Dicionários Porto Editora (online), consultado em 07/01/2022. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/tab%3Bides>

Jephson, P.(2019, 22 de fevereiro). The TRUE cost of Meghan's baby shower: Friends may have picked up the £330k bill, but Diana's former top aide PATRICK JEPHSON fears the Duchess is making the same

mistakes as Harry's mother - and risking the Royal Family's reputation. *Mail Online*. Consultado a 22/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6735411/The-true-cost-Meghans-baby-shower.html>

Johnson, R. (2016, 6 de novembro). RACHEL JOHNSON: Sorry Harry, but your beautiful bolter has failed my Mum Test. *Mail Online/The Mail on Sunday*. Consultado a 05/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/debate/article-3909362/RACHEL-JOHNSON-Sorry-Harry-beautiful-bolter-failed-Mum-Test.html>

Kay, R. & Levy, G. (2018, 30 de novembro). Does Kate and Meghan's 'rift' risk splitting apart William and Harry? Fears for brothers bonded by tragedy as they are split by newlyweds' move to Windsor - in echo of Wallis Simpson and Queen Mother row. *Mail Online/The Daily Mail*. Consultado a 10/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-6448195/Meghan-Kate-arent-chums-froideur-recalls-Duchess-Windsor-Queen-Mother.html>

Kay, R. (2018, 16 de dezembro). Meghan's supposedly banned Harry from a traditional shoot, staff are leaving and it's claimed courtiers were aghast when this starry picture was (briefly) online. Now, RICHARD KAY asks... Duchess Difficult - or just defiantly different. *Mail Online/The Daily Mail*. Consultado a 11/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6502009/RICHARD-KAY-asks-Meghan-rebellious-just-proud-different.html>

Lankston, C. (2020, 27 de agosto). 'This coming from a woman who uses a title?' Meghan Markle is accused of hypocrisy after praising Gloria Steinem quote about being 'linked not ranked' despite still referring to herself as the Duchess of Sussex. *Mail Online/Dailymail.com*. Consultado a 25/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-8671345/Meghan-Markle-accused-hypocrisy-linked-not-ranked-quote.html>

Leonard, T. (2019, 22 de janeiro). How Meghan's favourite avocado snack - beloved of all millennials - is fuelling human rights abuses, drought and murder. *Mail Online/The Daily Mail*. Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6621047/How-Meghans-favourite-avocado-snack-fuelling-human-rights-abuses-drought-murder.html>

Levin, A. (2018, 3 de novembro). Meghan's dysfunctional family just makes Charles love her more. It's something they have in common... one of many tantalising secrets ANGELA LEVIN discovered when she spent a year following the Prince. *Mail Online*. Consultado a 10/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/home/event/article-6342003/How-Prince-Charles-Meghan-bonded-art-history-culture.html>

Linning, S. (2016, 2 de novembro). You're going to have to brush up on your Brit knowledge now you're dating a Prince, Meghan! Harry's American sweetheart takes a Britishness test... but it doesn't go well. *Mail Online* Consultado a 05/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3898354/You-going-brush-Britishisms-dating-Prince-Meghan-Harry-s-American-sweetheart-takes-test-doesn-t-well.html>

Linning, S. (2018, 14 de fevereiro). 'She's not as outwardly dark as some African Americans': Journalist claims British people are more 'comfortable' with Meghan Markle joining the royal family because of

her light skin. *Mail Online*. Consultado a 11/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-5389685/Meghan-Markle-pulled-colourism-debate.html>

Mathews, S. (2018, 15 de outubro). Meghan Markle is having a 'geriatric pregnancy': Duchess of Sussex's age of 37 means she will be treated as 'an older mother' (so, which other Royals gave birth over 35?)". *Mail Online*. 11/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/health/article-6277987/Meghan-Markle-having-geriatric-pregnancy.html>

Matthews, S. (2018, 15 de outubro). Is it safe to fly while pregnant? Meghan Markle's long-haul flight to Sydney carries the risk of deep vein thrombosis as we reveal when expectant women should NOT get on a plane. *Mail Online*. Consultado a 10/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/health/article-6276783/Is-safe-fly-pregnant.html>

McManus, L. (2019, 17 de fevereiro). Meghan Markle backs campaign to 'decolonise the curriculum' by adding more black women to university staff instead of 'male, pale, and stale' professors in her first political intervention since joining the royal family. *Mail Online*. Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6713833/Meghan-Markle-backs-campaign-decolonise-curriculum-UK-universities.html>

Meghan Markle to join royal family for Christmas. (2017, 13 de setembro) *Associated Press*. Consultado a 10/08/2022. <https://apnews.com/article/051d46af6d9b4b1fa0cbb1ef07c580e9>

Morgan, C. (2018, 21 de dezembro). Is a culture clash to blame for the royal feud? Insiders claim Meghan's 'say it as you see it' mentality is behind clashes with aides and her reserved sister-in-law Kate. *Mail Online*. Consultado a 11/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-6519247/The-big-difference-Kate-Meghan-culture-clash-blame.html>

Morgan, P. (2019, 4 de fevereiro). Why Meghan's self-indulgent 'empowering-banana' stunt was a humiliating farce that made a laughing stock of the very sex workers she claimed to be helping. *Mail Online*. Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6666201/PIERS-MORGAN-Meghans-empowering-banana-stunt-farce-laughing-stock-sex-workers.html>

Morgan, P. (2020, 13 de janeiro). PIERS MORGAN: Meghan and Harry haven't been criticized because of her color but because she's a selfish social climber and he's a weak whiner - and by playing this despicable race card they have grossly libeled all of Britain. *Mail Online*. Consultado a 21/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-7881661/PIERS-MORGAN-playing-despicable-race-card-Meghan-Harry-libeled-Britain.html>

Murphy-Bates, S. (2018, 1 de abril). From Hollywood to Royal Highness: Diana's biographer tells how Meghan Markle sees Harry's mother as a role model in new book that reveals the bride-to-be dumped her ex-husband by POST and mailed back the rings. *Mail Online*. Consultado a 11/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-5566199/Meghan-Markle-sees-Diana-role-model-dumped-ex-husband-POST-mailed-rings.html>

Norman, A. (2020, 8 de janeiro). History is repeating itself with Prince Harry and Meghan Markle - but I believe it may be for the best: A.N. WILSON watches another royal depart the Firm with an American

divorcee... 83 years after Edward VIII married Wallis Simpson. *Mail Online/The Daily Mail*. Consultado a 20/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-7866675/History-repeats-N-WILSON-watches-royal-depart-arm-arm-American-divorcee.html>

Platell, A. (2020, 10 de janeiro). AMANDA PLATELL: No tears or tantrums here, 'Waity Katy' Middleton has become the Royals' crown jewel after a torrid week for Prince Harry and Meghan Markle. *Mail Online/The Daily Mail*. Consultado a 20/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/debate/article-7874905/AMANDA-PLATELL-No-tears-tantrums-Kate-Middleton-Royals-crown-jewel.html>

Pramaggiore, M. & Kerrigan, P. (2021). Brand Royal: Meghan Markle, feuding families, and disruptive duchessing in Brexit era Britain. *Feminist Media Studies*, 1-21. <https://doi.org/10.1080/14680777.2021.1928258>

Rach, J. & English, R. (2019, 1 de fevereiro). Her Royal Fruitiness! Meghan sends personal messages of support to sex workers - written on BANANAS - as she and Harry make food parcels during visit to Bristol charity. *Mail Online/The Daily Mail*. Consultado em 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-6656685/Meghan-Harry-arrive-joint-engagement-Bristol.html>

Rainey, S. & English, R. (2018, 1 de fevereiro). Walking in Diana's footsteps: A chic Meghan attends her first evening event at the same venue where Diana made her evening debut - a night that left shy Di scarred for years". *Mail Online/The Daily Mail*. Consultado a 11/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-5342433/Meghan-attends-evening-event-Diana-venue.html>

Repórter do Mail On Sunday (2019, 26 de janeiro). Why can't Meghan Markle keep her hands off her bump? Experts tackle the question that has got the nation talking: Is it pride, vanity, acting - or a new age bonding technique? *Mail Online/Mail on Sunday*. Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6636233/Why-Meghan-Markle-hands-bump-Experts-tackle-question.html>

Repórter Mail Online (2019, 2 de abril). Lady Colin Campbell brands Meghan 'disturbingly self-confident' as she warns Duchess against being a 'political activist'. *Mail Online*. Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-6876189/Lady-Colin-Campbell-brands-Meghan-disturbingly-self-confident.html>

Richardson, H. (2019, 25 de novembro). Meghan Markle is 'aware' she's being 'pitted against' future queen Kate Middleton and finds the situation 'challenging', source tells People magazine. *Mail Online*. Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-7722387/Meghan-Markle-aware-pitted-against-future-queen-Kate-Middleton-source-claims.html>

Richardson, H. (2021, 6 de junho). Will Meghan Markle and Prince Harry's daughter be British or American? Lilibet 'Lili' Diana Mountbatten-Windsor is likely to possess dual citizenship like big brother Archie. *Mail Online*. Consultado a 21/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-9640391/Meghan-Markle-Prince-Harrys-daughter-likely-possess-dual-British-American-citizenship.html>

- Robertson, A. (2020, 9 de janeiro). Royal experts blast Meghan and Harry's 'bizarre, impetuous' decision to step down saying it 'has echoes of Diana' and is a 'violation of the way the royal family operates'. *Mail Online*. Consultado a 20/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-7868007/Meghan-Harrys-decision-step-echoes-Diana.html>
- Sheets, M. (2019, 12 de dezembro). 'It's her job to be Harry's wife, not change the royal dynamic': Prince Charles' Hollywood polo pal Stefanie Powers, 77, unloads on Meghan and brands Andrew 'stupid' - but gushes about 'impeccable' Kate. *Mail Online/Dailymail.com*. Consultado a 15/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-7786545/Prince-Charles-Hollywood-polo-pal-Stefanie-Powers-unloads-Meghan-Markle.html>
- Siddique, H. (2016, 10 de agosto). Rising avocado prices fuelling illegal deforestation in Mexico. *The Guardian*. Consultado a 15/06/2022. <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2016/aug/10/avocado-illegal-deforestation-mexico-pine-forests>
- Simpson, L. (2019, 22 de fevereiro). 'A little like Marie Antoinette': Piers Morgan says the Queen will be concerned Meghan Markle's \$500k baby shower rubs people's noses in her wealth. *Mail Online/Dailymail.com*. Consultado a 20/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6731215/Piers-Morgan-says-Queen-concerned-Markles-500k-baby-shower-rubs-peoples-noses-it.html>
- Simspon, L. (2019, 10 de abril). REVEALED: Meghan Markle AND her royal baby will be liable for US taxes because the seventh in the line for the British throne will be a dual-citizen. *Mail Online/Dailymail.com*. Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6905363/Meghan-Markle-royal-baby-liable-American-taxes-plus-non-earned-income-2-100.html>
- Steenveld, L. & Strelitz, L. (2007). Making sense of tabloid newspapers: Some key considerations. *Gender and Media Diversity Journal: The Tabloid Explosion*, 3: 20-25.
- Stern, C. (2018, 4 de junho). Will self-proclaimed feminist Meghan change the law to allow for a female heir? Duke and Duchess of Sussex's future daughters cannot inherit titles because current legislation only allows dukedoms to pass to men. *Mail Online/Dailymail.com*. Consultado a 11/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-5805135/Prince-Harry-Meghans-future-daughter-wont-inherit-title.html>
- Styles, R. (2016, 2 de novembro). "EXCLUSIVE: Harry's girl is (almost) straight outta Compton: Gang-scarred home of her mother revealed - so will he be dropping by for tea?". *Mail Online/DailyMail.com*. Consultado a 05/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3896180/Prince-Harry-s-girlfriend-actress-Meghan-Markles.html>
- Tanno, S. (2020, 12 de janeiro). Meghan Markle was 'on the brink': Prince Harry agreed to quit the Royal family and fast-tracked plans as he feared his 'unsettled' wife would have a 'meltdown' if she remained in the UK. *Mail Online*. Consultado a 20/06/22. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-7877661/Prince-Harry-fast-tracked-plans-feared-wife-meltdown.html>
- Tavares, V., et al. (2012). Linguística Sistemico-Funcional no quadro das Grandes Teorias Linguísticas: Propostas de Aplicação. *Anais do XVI CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL.

- Toureile, C. (2019, 3 de abril). Meghan WON'T pose for an 'on the steps' moment after leaving hospital with Baby Sussex because it doesn't fit with her 'feminist world view', royal commentators claim. *Mail Online*. Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-6882351/Meghan-wont-steps-moment-gives-birth-Baby-Sussex-claims-podcast.html>
- Vine, S. (2018, 22 de maio). SARAH VINE: I've no doubt that feminist Meghan will be a great force for change. But she must pay heed to tradition too. *Mail Online/The Daily Mail*. Consultado a 10/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-5755537/SARAH-VINE-Meghan-great-force-change-pay-heed-tradition-too.html>
- Wace, C. & Elliot, V. (2019, 6 de abril). Meghan Markle 'snubs the Queen's doctors for her birth because she doesn't want "men in suits" delivering her baby'. *Mail Online/The Mail on Sunday*. Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6894539/Meghan-Markle-snubs-Queens-doctors-birth-doesnt-want-men-suits.html>
- Weidhase, N. (2022). The feminist politics of Meghan Markle: Brexit, femininity and the nation in crisis. *European Journal of Cultural Studies*, 1367549420980010. 10.1177/1367549420980010journals.sagepub.com/home/ecs
- William, T. (2019, 29 de outubro). "Seventy-two female MPs sign an open letter BACKING Meghan Markle's stand against 'distasteful and misleading' media coverage and blasting 'outdated, colonial undertones' of some stories". *Mail Online*. Consultado a 14/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-7627241/MPs-including-Jess-Phillips-sign-open-letter-backing-Meghan-Markle.html>
- Williams, K. (2009). *Read all about it! A history of the British newspaper*. Routledge.
- Williams, T. (2019, 10 de maio). 'One of the worst days of my life': Danny Baker admits he 'f***ed up' over royal baby chimp tweet and says he is paying the price for his 'genuine, naive and catastrophic mistake'. *Mail Online*. Consultado a 15/06/2022. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-7014445/It-one-worst-days-life-Danny-Baker-formally-apologises.html>